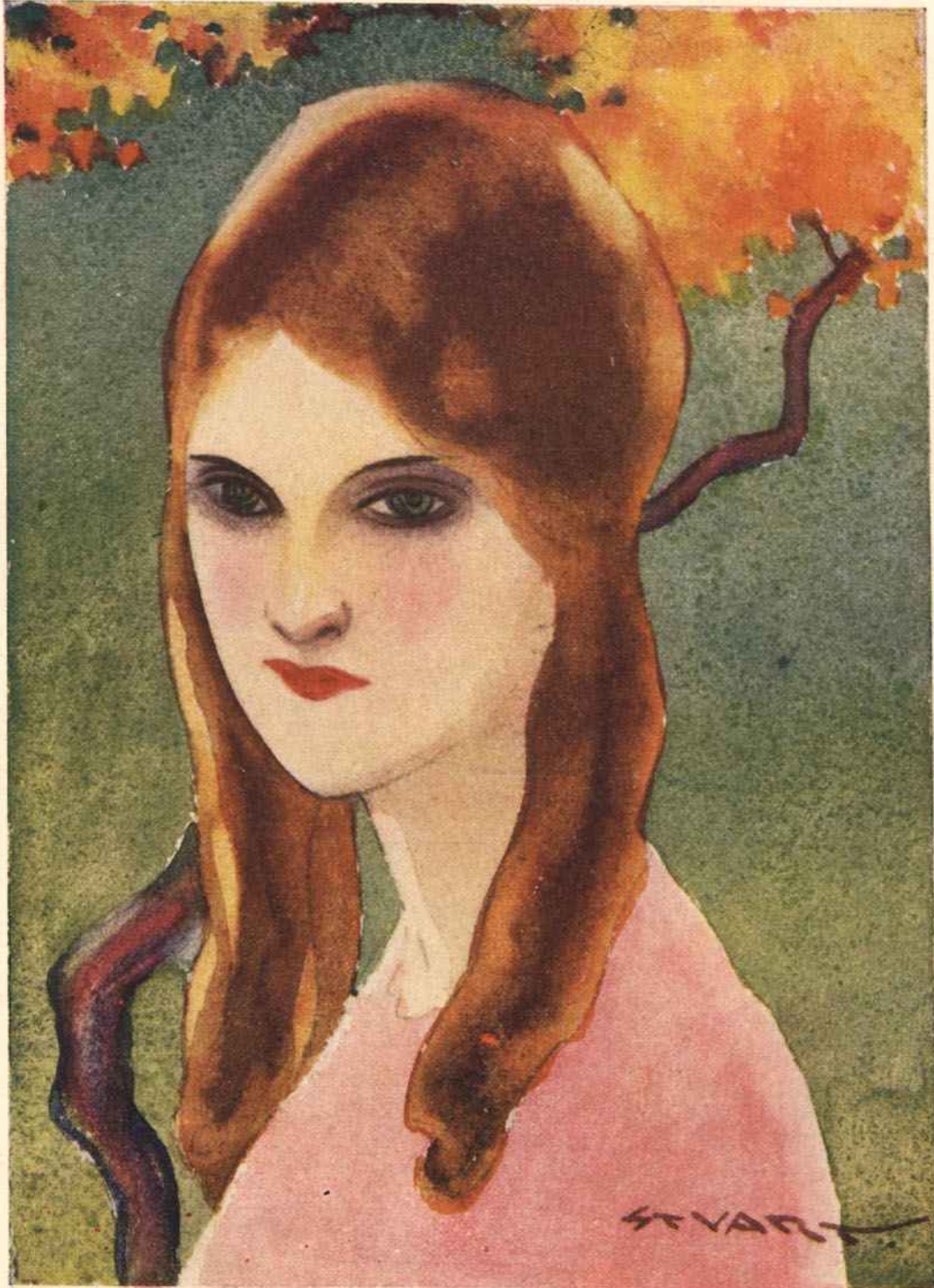


Ilustração



A N O
- 5.º -

Lisboa, 1 de Junho de 1930

PREÇO - 4\$00

Número
- 107 -

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

Telefones: C. 3500 a 3502

Guilherme Graham Junior & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 7—Lisboa

FABRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA

TOJAL-LOURES

Papeis de escrever

- ” para correspondencia
- ” para livros comerciais
- ” imitações de “Couché”
- ” de impressão
- ” de côres para capas
- ” Affiches em côr e riscados
- ” Manilhas
- ” de embrulho “Kraft”
- ” de embrulho, ordinários

Cartão Bristol, etc., etc.

ILUSTRAÇÃO é impressa em papel nacional da Fabrica da Abelheira
Obtíveis em todos os Armazens de papel e Papelarias

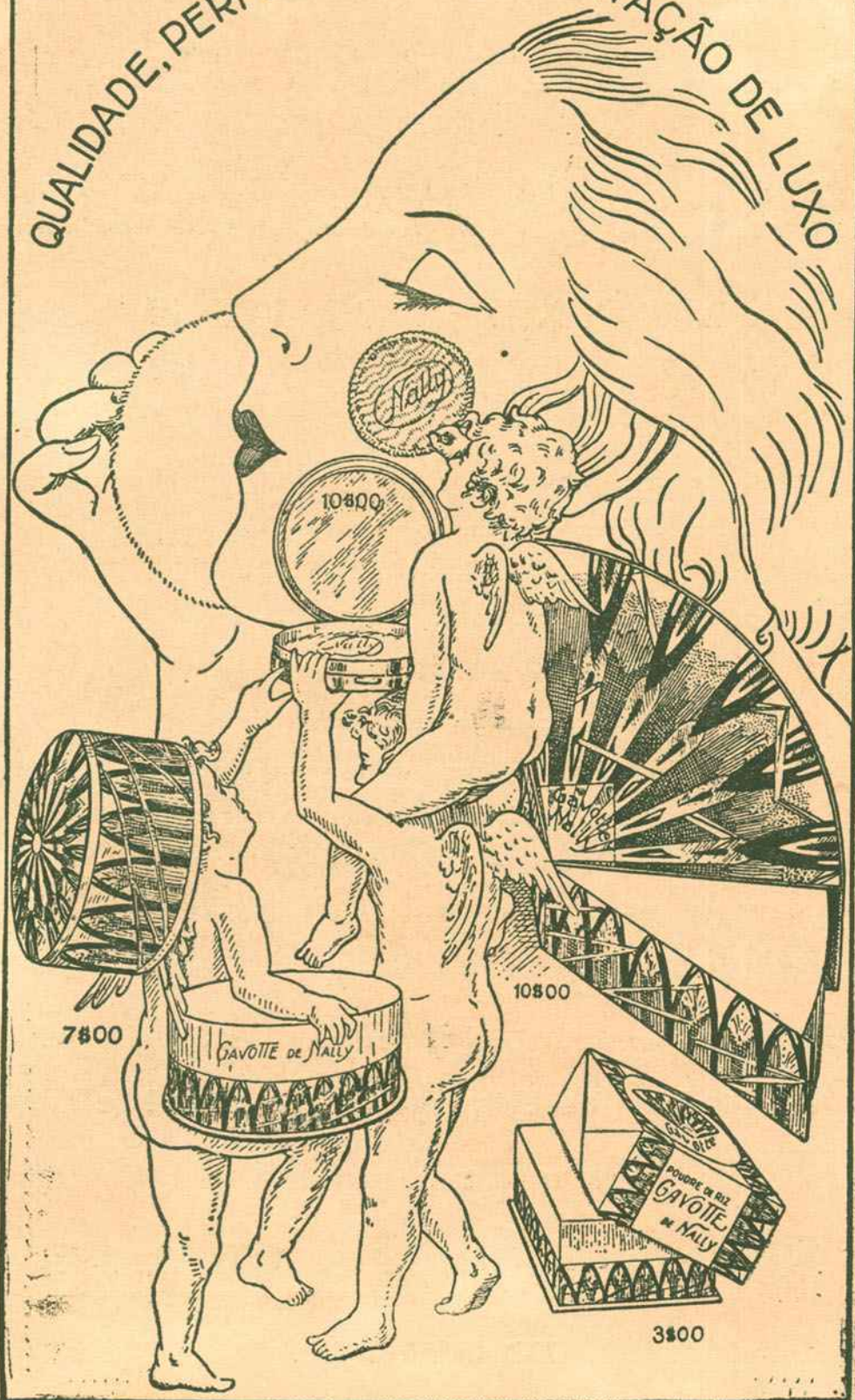
DEPOSITO GERAL:

Rua da Alfandega, 156 a 158

LISBOA

Pós d'arrôz GAVOTTE

QUALIDADE, PERFUME E APRESENTAÇÃO DE LUXO



FLIT



Mata todos os insectos
mais depressa.

FLIT



Defendi-vos das
imitações.

FLIT



Os poços mortíferos!
As imitações!

Desconfie da água dos
poços e das imitações.

Use apenas os

LITHINÉS. DR GUSTIN

que vos darão uma água deliciosa, pura ou com
vinho. Soberanos contra afeções do **figado**,
estomago e **beziga**. Desconfie das imita-
ções e exigi a marca do **Dr. Gustin**, á venda
nas Farmacias.



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A' venda em todas as boas Casas

ARMENGE GEAIS STETTEN - C. Lda - 119, RUA DA MADALENA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA - RUA DAS FLORES, 192, 1.º

INGLEZ

Os livros *A Premier of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta língua

Pedidos a **AILLAUD, L.ª**
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

MAGAZINE BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE JUNHO

Guerra Junqueiro e a Mulher

Nesta conferência, pronunciada no Ateneu Comercial do Porto e na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, pela distinta e conhecida escritora **D. Emilia de Sousa Costa** surge em toda a sua grandeza a personalidade literaria do assombroso poeta português já fallecido.

Preço 2\$50

*A venda na Filial do «Diario de Noticias».
Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11*

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

Rocha Martins

Será distribuida com o 5.º tomo desta tão patriótica como util obra da divulgação historica uma magnifica capa para brochura, uma linda tricromia com as armas de D. João I

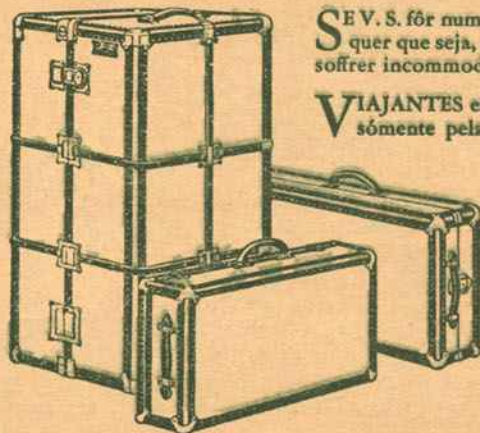
Reinado de D. Manuel II

Aclamação do novo Rei—O Parlamento—Viagem do Rei—Ministerios Campos Henriques e Sebastião Teles—A questão religiosa—A manifestação liberal de 2 de Agosto—Centenario da Guerra Peninsular—O Partido Republicano Português—A gravidade da questão politica—A revolução de 5 de Outubro—A proclamação da Republica.

As condições de assinaturas para a 2.ª edição desta *HISTORIA DE PORTUGAL*, serão brevemente apresentadas.

HARTMANN

Construidas Para Resistir o Uso



SE V. S. fôr numa viagem com uma mala HARTMANN, donde quer que seja, terá a segurança de que voltará ao seu lar sem soffrer incommodidades causadas por malas.

VIAJANTES experimentados usam malas HARTMANN não sómente pela sua fortaleza, capacidade e conveniencia de não arrugar a roupa, mas tambem porque são correctas em apparencia e todo o detalhe.

As malas HARTMANN são construidas para resistir o uso mais forte e são indispensaveis áquelles que desejam viajar confortavel e correctamente, quer por mar quer por terra.

Unicos vendedores ao publico
CASA PALMARES
Rua do Ouro, 139-2.º—Lisboa
Agente Geral para Espanha, Portugal e Marrocos:
Manuel Rocafort Ferró, Montera 15-17, Madrid.

Codigo Comercial

Nova reimpressão enriquecida com o notavel RELATORIO do ministro Veiga Beirão e os PARECERES das Camaras dos Pares e dos Deputados

Preço: 2\$50

*A' venda na nossa Filial
—L. Trindade Coelho, 10*

MALAS

RACINE, WIS.,
U. S. A.

HARTMANN

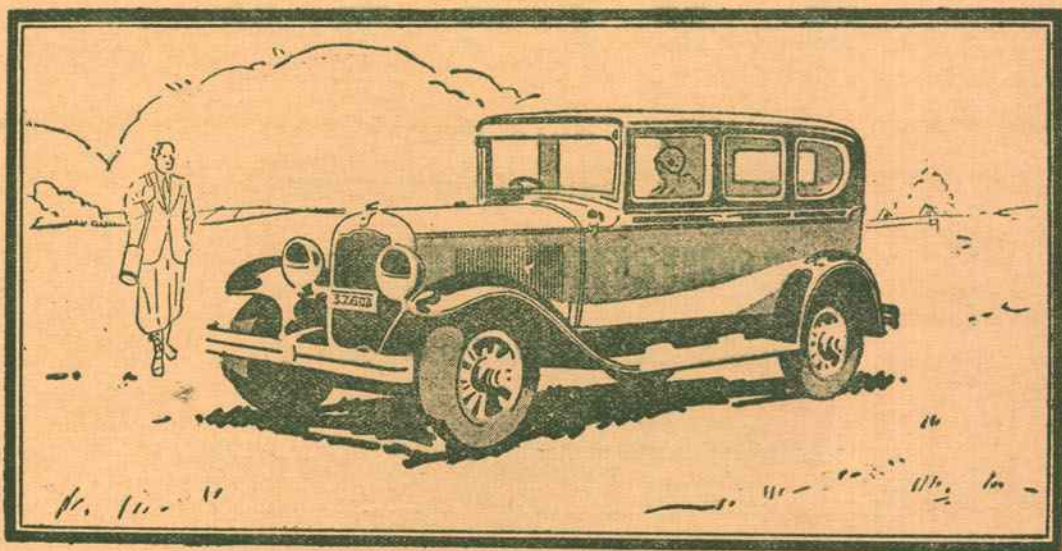
REO^{*}

POTENCIA SUAVE

V. Exa. ficará gratamente impressionado com a potencia suave e silenciosa do automovel REO "Flying Cloud".

Esta potencia permitir-lhe-ha subir as peores rampas a grande velocidade e passar facilmente por caminhos com ou areia ou lama, aumentando assim o prazer de conduzir um carro.

Qualquer que seja o caminho, e mesmo onde não haja caminhos, a potencia do "Flying Cloud" satisfaz de sobra as necessidades da marcha.



**REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.*

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

Avenida da Liberdade, 165-171
LISBOA : - : Telf. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA
194, Rua Augusta Rosa -- PORTO

Grande novidade literária:

**O H O M E M
QUE MATOU
O D I A B O**

**A última obra do mestre
==== romancista ====**

AQUILINO RIBEIRO

Acaba de ser posta à venda

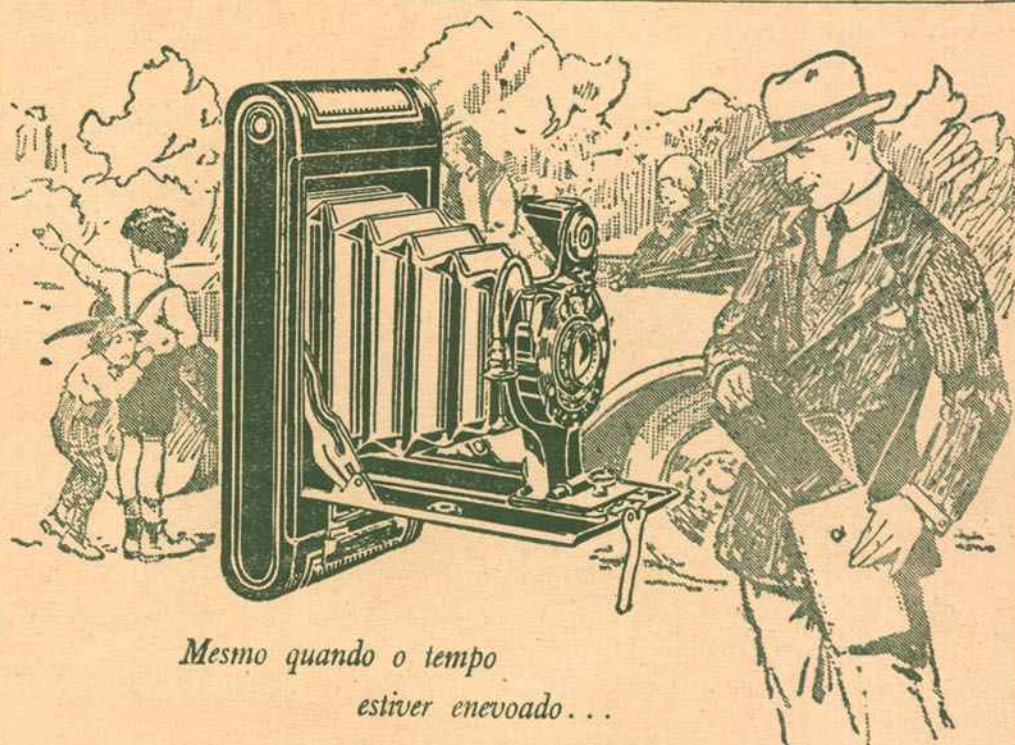
1 volume de 360 páginas, brochado. . . 12\$00

Encadernado 16\$00

PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



*Mesmo quando o tempo
estiver enevoado...*

Mesmo quando o tempo estiver enevoado, podereis obter fotografias perfeitas, e que vos surpreenderão pela sua nitidês, com o aparelho «Hawk-Eye», graças á sua lente anastigmática tão penetrante como os olhos do falcão.

“Hawk-Eye”

com lente anastigmática f. 6, 3

é o aparelho que aprenderéis a manejar em alguns minutos, e que se tornará o companheiro preferido das vossas viagens, dos vossos passeios. Fabricado pela Companhia Kodak, o «Hawk-Eye» possui os aperfeiçoamentos resultantes da mais longa prática na produção de aparelhos de amador, e todas as qualidades de simplicidade, eficiência e de solidês, que tornaram conhecido em todo o mundo, como a melhor garantia de bom êxito, o nome

“Kodak”



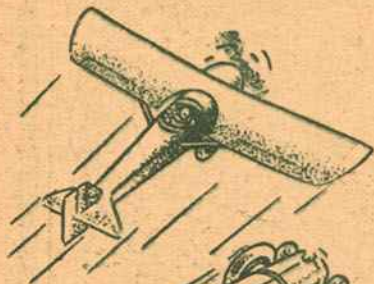
Os bons estabelecimentos de artigos fotogrâficos possuem esta insignia que indica um serviço atento e cuidadoso, e a existência de «Kodaks» para todos os preços, Pellicula «Kodak», Papel «Velox», todos os artigos «Kodak».

«Hawk-Eye», com objectiva anastigmática f. 6, 3, desde 260\$00
«Hawk-Eye», com objectiva acromática, desde 220\$00

Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa

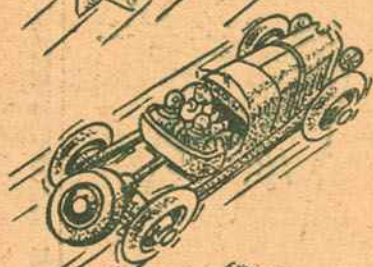


Alguns factos importantes para a história do nosso tempo:



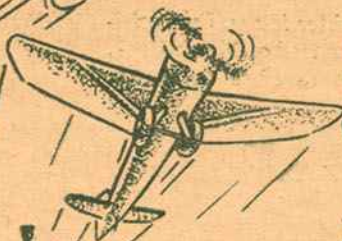
Duas vezes a volta ao mundo em 69 dias.

Um automóvel Chrysler 65, no autódromo de Avus, próximo de Berlim, fez um percurso de 86.000 quilómetros, sem que o seu motor parasse, durante 69 dias e 68 noites.



11.600 quilómetros em avião para salvar uma vida.

Numa avioneta Gipsy Moth o tenente J. R. King transportou de Johannesburgo a Malange (Angola) alguns tubos de soro anti-rábico que, chegado com atraso, ocasionaria a morte de uma senhora que havia sido mordida por um cão danado.



16 quilómetros em pouco mais de 4 minutos.

Na Nova Zelândia o automobilista Wizard Smith, num chassis Cadillac equipado com motor Rolls Royce, bate o record do mundo dos 16 quilómetros.

Quási 8 quilómetros de altura com temperaturas entre + 10° e - 35°.

Com um monoplano equipado com motor Armstrong Siddeley «Genet» acaba de ser estabelecido por M. Albert um novo record de altura para aviões ligeiros — 7.730 metros.



A primeira mala postal aérea entre França e Madagascar.

12.500 quilómetros foram recentemente cobertos pelo Capitão Goulette, que num monoplano Farman, motor Salmson, fez o vôo Paris-Madagascar.

Em todas as provas desta natureza em que a lubrificação é um importante factor a atender, o óleo empregado é sempre



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

VACUUM OIL COMPANY

Productores de Gazolina "AUTO-GAZO."

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 107

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

TODOS OS ASSUNTOS DE PUBLICIDADE TRATAM-SE EXCLUSIVAMENTE NA RUA ANCHIETA, 25 — TELEF. C. 1084

PROPRIEDADE DE:

EMPRESA NACIONAL

DE PUBLICIDADE

E

AILLAUD LTD.

ADMINISTRAÇÃO

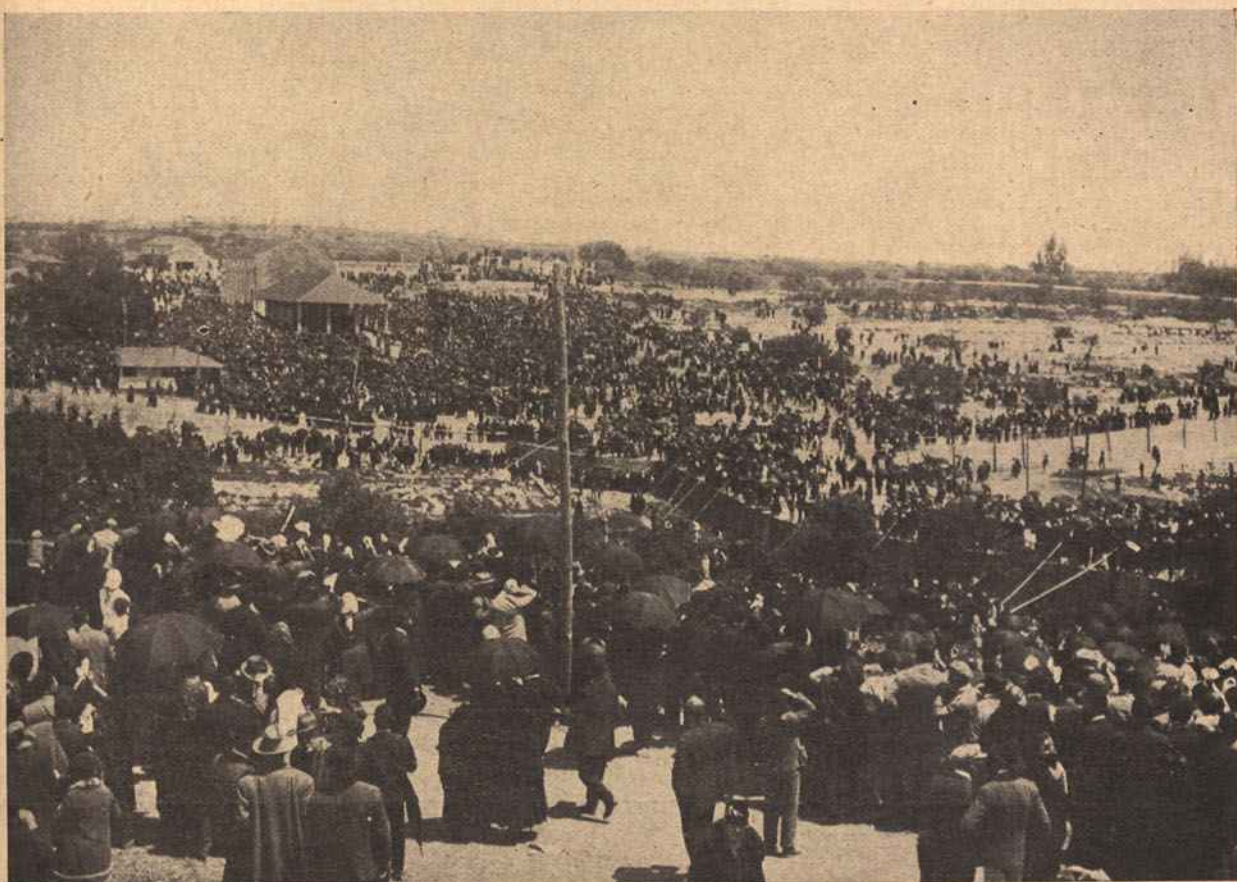
R. Diário de Notícias, 78

Telef.: T. 821 a 824

1 DE JUNHO DE 1930

A ROMARIA A NOSSA SENHO- RA DE FÁTIMA

Apesar da evolução intensa operada, no campo moral, de há uns lustros a esta parte, as profundas crenças, a religiosidade, quando tem raízes velhas na própria alma magnífica do povo, a única verdade verdadeira em matéria de espiritualidade, resistem a todas as razões mais ou menos artificiosas. E por isso todos os anos, neste Maio florido, acorre gentinha humilde ou grada, dos cantos mais ermos do país, a pedir à bondade divina da Senhora de Fátima remédio para todos os seus males (e tanto sofrem os pobrinhos!), remédios que, em forma de panaceias políticas ou sociais todos os terrenos lhe apregoam. Vêde como essas pobres mulheres oram com fervor e como milhares de peregrinos acodem à Cova da Iria em arroubos de piedade, únicos gosos desta terra que não pagam ainda siza ou contribuição.





CRONICA DA QUINZENA

A estas horas, nas chancelarias de vinte e sete Estados, ter-se hão debruçado sobre o memorial que Briand elaborou quanto à organização da Europa em regime federal. Os sequiosos de ordem nova não terão, porém, matacão a sêde. O homem de Estado francês não apresenta, com efeito, programa ou estudo de federação; planta o seu leiteiro como mestre que lança na loisa o tema de retórica e deixa os alunos versá-lo, recolhidos em sua sabedoria.

Certo é que os governos dos vinte e sete Estados — a Europa inteira, salvo a Rússia — responderão invariavelmente, pois o contrário seria a negação da própria diplomacia: maravilhoso! O memorando prevê a organização duma conferência pan-europeia com o objectivo de fixar as directivas que devam determinar o estatuto da visada federação e a muitos desses, que Marcel Proust pintava como infatuados sandeus, sorri, sem dúvida, pavonear-se pelo mundo, espairar a casaca de bom corte, enfeitar a lapela com veneras, discretar para o universo embasbacado.

Não obstante a sua inteligente vacuidade, subtilmente, o memorando arvora o princípio de que todo o esforço construtor terá de circunscrever-se ao plano político. Para mais tarde o exame de medidas que é lícito encarar no sentido de encontrar um terreno de aproximação para os vários sistemas económicos da Europa. Por agora, o problema é de segurança, o que implica alargar o mais possível a rede de arbitragem e compromissos internacionais, de manter o *satu quo* precintando-o de novas garantias, numa palavra, de definir e subscrever uma sorte de dogma de intangibilidade de nação para nação, bem embora as fronteiras actuais de alguns Estados sejam o produto artificial da violência.

A que destino estará votada em última análise a sugestão de Briand? Como portugueses, é para lamentar que não seja coroada pelo mais triunfal e retumbante êxito. O ideal das pequenas nações é que a sua soberania absoluta lhes seja garantida pelo concôrto de tôdas. Para elas é preferível dormir à sombra da oliveira que de duas reluzentes e custosas baionetas. Só as perspectivas que viriam a abrir-se ante elas com aliviarem-se do pesado onus dos exércitos permanentes justificariam o seu entusiasmo pelo projecto de união europeia.

Abstraindo, porém, da circunstância de portugueses, esta tentativa parece caber den-

tro daquela fábula de Fedro: a paz entre os animais. O lobo associado com a ovelha, o leopardo com o ónagro, pode lá ser?

Concedendo *à priori* que se trata dum projecto de boa vontade, de são e puro idealismo, correspondente às necessidades da Europa decadente e sobressaltada, e não de aliecerçar a hegemonia francesa sobre os ombros das nações débeis, nem de organizar um grupo continental, como suspeitam os alemães, contra a Inglaterra, Os Estados Unidos e a Rússia, ou simplesmente contra a Rússia, nem tão pouco de buscar alianças, morais pelo menos, no conflito que se esboça entre a França e a Itália, e um pouco mais que consolidar os ganhos da grande guerra, é possível congratuar a Europa mediante um laço íntimo, dado o estado de repulsão em que muitos países estão uns para os outros? Sem dúvida que não há entorse que a inteligência humana não possa corrigir e, se é lei inelutável entre as espécies como entre as nações a luta pela vida, também esta pode ser dirigida e encaminhada de modo a que o engrandecimento e progresso dum país se não faça à custa do património e bem-estar de outros. Os interesses contrários conciliam-se; os sentimentos de animadversão de povo para povo transformam-se; as injustiças praticadas podem e devem ser resgatadas. Também nada é eterno e conferir carácter de intangibilidade aos tratados seria até certo ponto abdicar do exercício da razão e colocar-se num pé de intransigência, susceptível de todos os desastres. Mas onde estão os homens, animados de confiança pública, dotados dessa super-visão que vai léguas adiante dos acontecimentos sociais, sacrificando a aquisição transitória à causa duradoira, capazes de arrostar com semelhante empresa?

Existem na Europa antinomias irredutíveis na situação em que se nos depara no momento presente. O imperialista tudo fia na força e o pequeno só lhe resta o recurso de invocar o direito; o vencedor tudo fia no cumprimento dos tratados e o vencido conspira para a revisão desses tratados, ou

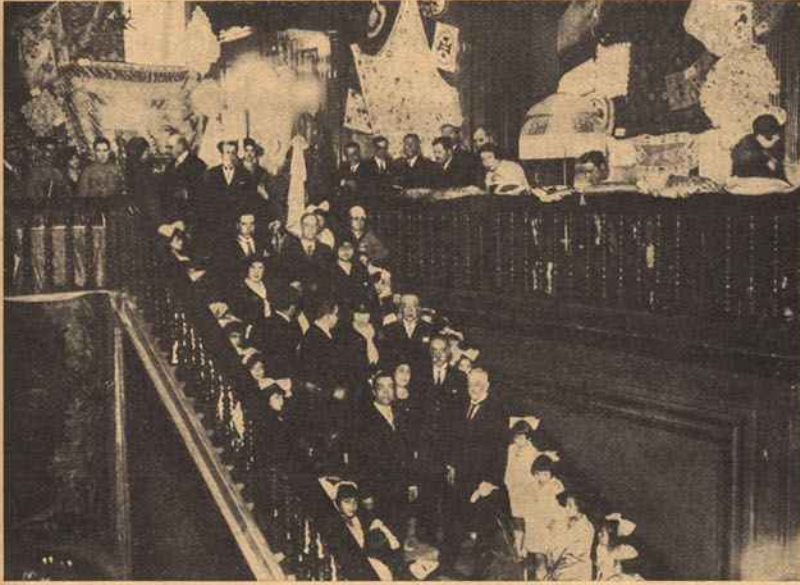
aguarda, mordendo o freio, a oportunidade de os esfarrapar; o militarista julga-se no direito de aperfeiçoar os seus exércitos e de atar alianças secretas com quem anauilhá o ampare na guerra, o isolado, em compensação, arruína-se, armando-se. Ao país industrial convém que se abatam as barreiras aduaneiras, ao país pobre de indústria que se elevem cada vez mais. São inúmeros os fessos de natureza económica e espiritual que separam os povos. Por ventura apenas a religião, que se acomoda a todos os matizes da política como musgo de todos os climas, não constitua óbice sério para a aproximação dos Estados europeus.

Mas sem rebuscar vícios de estrutura e observando de alto os antagonismos da Europa política de hoje, se chega à conclusão de quanto é temporã ou pelo menos de difícil exequibilidade a ideia magnífica de Briand. A Alemanha sangra da perda de metade do Slesvig, em favor da Dinamarca, de Eupem e Malmédj em favor da Bélgica, do corredor de Dantzig que cortou a nação em duas, da internacionalização dos seus rios, sem falar no Sarre hipotecado e nos *pots cassés* que é sózinha a pagar; a Austria, da sua dolorosa mutilação, do Tirol em que pesa a mais tirânica pata de dominador; a Bulgária da perda da Macedónia; a Croácia, Montenegro e Dalmácia do jugo da Sérvia, a Rússia da perda da Bessarábia, a Lituânia da usurpação de Vilna; a Espanha continuará a sentir no seu flanco o espinho de Gibraltar, e até nós, os portugueses, se quisésemos inventar um motivo de macarena política, teríamos Olivença. A par com estas chagas abertas, a Itália cobiça a Sabóia, a Córsega e os agros africanos da antiga Roma e, dum modo geral, não há potência que não aspire a estender-se para o território vizinho ou pelos seus domínios coloniais. Os diferentes tratados que se seguiram à grande conflagração não fizeram mais que agravar as iniquidades já existentes. O tratado de Versalhes podia ser o despontar duma aurora nova para o mundo; não foi; em vez de, em torno da mesa verde, se assentarem titeres, era preciso que se assentassem demiurgos. Seriam precisas vistas de águas que abarcassem os largos horizontes e os homens que ali estiveram não conseguiram olhar além do palmo de terra que pisavam. A Europa generosa era digna de melhores capitaneadores.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

AQUILINO RIBEIRO.

NOTAS ELEGANTES DA QUINZENA



Aspecto da inauguração, pelo sr. Presidente da República, da formosíssima exposição de artes e labores femininos, promovida com o maior êxito pela «Eva» nos salões dos Grandes Armazens do Chiado

NO OVAL, de baixo: —Assistência elegante ao Concurso Hípico Internacional levado a efeito no Campo Grande com a participação de «equipes» militares espanholas e francesas



A «Copa de Ouro» da Península, oferecida pelo Governo português para ser disputada anualmente entre as «equipes» de cavaleiros espanhóis e portugueses e que foi, êste ano, ganha pelos nossos vizinhos e amigos



Um belo salto dum dos concorrentes espanhóis ao nosso Concurso Hípico Internacional



Um dos officas da «equipe» franceza que concorreu às nossas «poules» hípicas internacionais, num magnífico salto.

A ESQUERDA: —Festa elegante oferecida pela gentilíssima filha do sr. Encarregado dos Negócios da Argentina, D. António Matecon, às suas amigas da grande sociedade lisboeta



A ESQUERDA:—O ilustre homem público, há pouco falecido, conselheiro João Arroio, eminentemente compositor musical, autor da partitura «Amor de Perdição», que foi acolhida com entusiasmo em todo o mundo, dramaturgo e crítico de arte de grandes méritos



A DIREITA:—A grande trágica japonesa Sato, que acaba de chegar a Paris para estudar o teatro ocidental por encargo do governo nipónico, que deseja modernizar o seu teatro tradicional com o fim de dar a conhecer as obras primas da literatura dramática mundial

(Foto Orrios)

EM BAIXO:—O sr. João Crisóstomo da Cruz, director da «Pátria Portuguesa», do Rio de Janeiro, por ocasião da visita que fez à Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, rodeado pelos corpos gerentes daquela agremiação

(Foto A. Martins).



EM CIMA:—Saradshini Naidh, a actual dirigente do movimento de rebelião na Índia, após a prisão de Ghandi, uma nova Joana d'Arc que talvez, como a outra, seja queimada ainda pelos ingleses

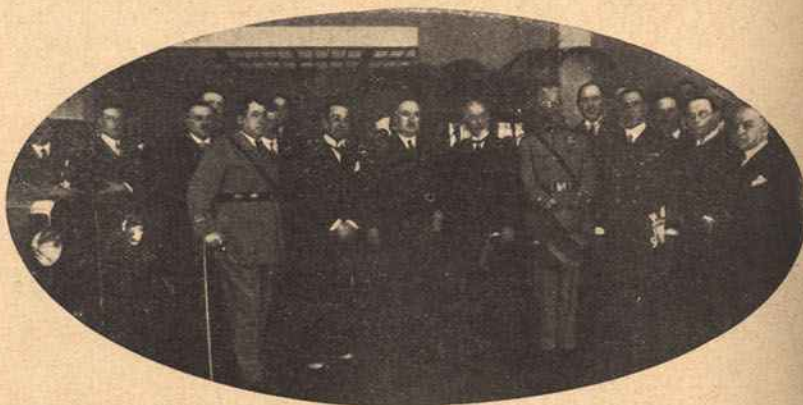
(Foto Orrios)

NO OVAL, à direita:—Inauguração, pelo sr. general Carmona, ministro da França e membros do Governo, da grande «Quinzena Citroën»

EM BAIXO, à esquerda:—Banquete, na Estoril, oferecido pela casa «Citroën» à imprensa e seus agentes no país

EM BAIXO, à direita:—Altas individualidades assistindo às experiências de Tractores-chenilles durante a «Quinzena Citroën»

(Fotos «Ilustrações».)



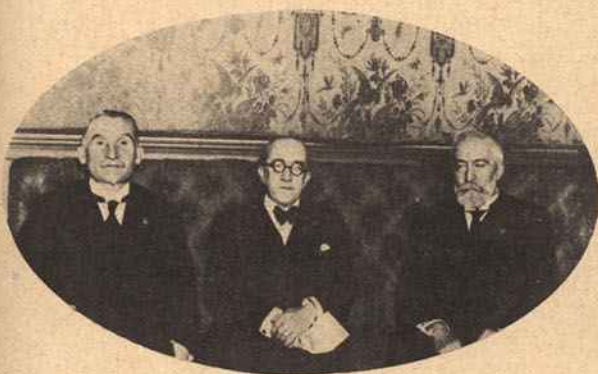
DE TODA A PARTE



A ESQUERDA: — Na Embaixada de Portugal em Madrid deu o Ex.^o Embaixador, sr. Melo Barreto, uma brilhante festa em honra dos congressistas do II Congresso Internacional de Caminhos de Ferro, reunido naquela capital. Um aspecto da assistência em que se vê o general Berenguer, chefe do governo, o Ministro de Estado, Duque de Alba, os delegados portugueses, o nosso ilustre representante diplomático e altas personalidades espanholas.

(Foto exclusiva.)

EM BAIXO: — Uma scena da celebre obra «Antisa» de Leonidas Andreieff que foi representada, com êxito extraordinário, em Madrid, no Teatro Alhambra, pela eminente actrize Maria Montoya.



Os dirigentes do Congresso Internacional de Caminhos de Ferro, em Madrid, Mr. Poulon, presidente (à esquerda), srs. Gayetan de Ayala (ao centro) e Morales (à direita)



(Todas as fotos desta página são da agência internacional Orrios.)



A ESQUERDA: — A GRANDE FRAUDE DOS QUADROS FALSOS EM PARIS. — As múltiplas falsificações de obras de arte feitas com perfeição inexcelsível, ultimamente descobertas forçaram o Governo a mandar inquirir da legitimidade dos quadros do Louvre. Na foto o professor Cellier e os seus ajudantes examinando nos Raios X um quadro célebre.



A rainha da beleza da Alemanha para 1930 foi coroada em 17 de Maio. É a encantadora e loira astriola de cinema Daisy d'Orta, de 17 anos e que é, na vida social a baronesa de Freiberg pelo seu recente casamento



A ESQUERDA: — Millet, neto do genial pintor e principal «perito» na falsificação de obras de arte numa verdadeira fábrica que acaba de ser descoberta em Paris e na qual devem ter sido falsificadas obras que têm inundado o mundo. Millet tinha um sócio, outro falsário habilíssimo, Cazot (à direita)





UMA INICIATIVA NOTÁVEL.

Quatro ilustres artistas e arqueólogos, já conhecidos do grande público pelos seus valiosos trabalhos, decidiram levar a cabo uma edição, de invulgar interesse intelectual e arqueológico, da «Biblioteca Lusitana», de Diogo Barbosa Machado, edição fac-similada que ficará como um altíssimo serviço prestado aos estudiosos e aos bibliófilos para quem era impossível obter a primeira edição da curiosa obra. *De cima para baixo, à esquerda:* António Machado de Faria de Pinna Cabral e Rogério Figueiroa Rego. *À direita:* José Cunha Saraiva e Ernesto Soares.



Francisco Pina, nosso querido colaborador de Madrid, uma dos mais belos valores da moderna camada literária espanhola, que acaba de publicar, nas formosas edições de «Cuadernos de Cultura» um magnífico ensaio, «Escritores y Pueblo», absolutamente notável de forma e espírito crítico.

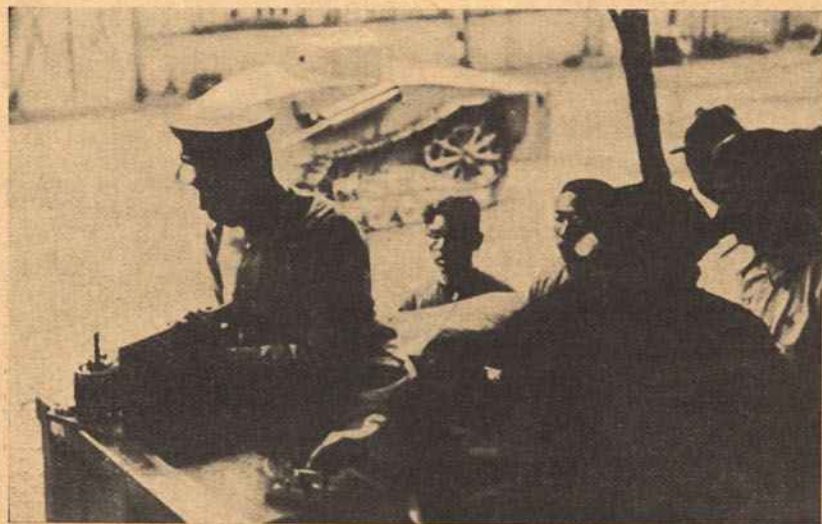


NO OVAL, à esquerda. — A nável declamadora que deu um recital de Anita Patricio Alvarez, veras notável pela escolha das poesias declamadas e pela arte original da artista, discípula de Maria Pia de Seabra Cruz.



A DIREITA: — Na igreja do Senhor do Bomfim, em Portalegre, realizou-se o casamento de D. Maria Júlia Ribeiro da Silva, com o engenheiro sr. Eduardo Simões Fonseca. Os noivos com seus padrinhos e convidados, após o enlace que ligou duas ilustres famílias da linda cidade alentejana.

(Fotos «Ilustração»)



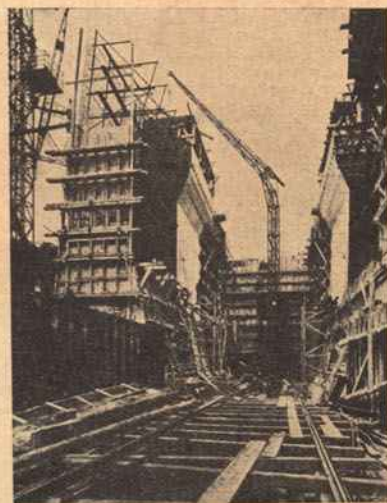
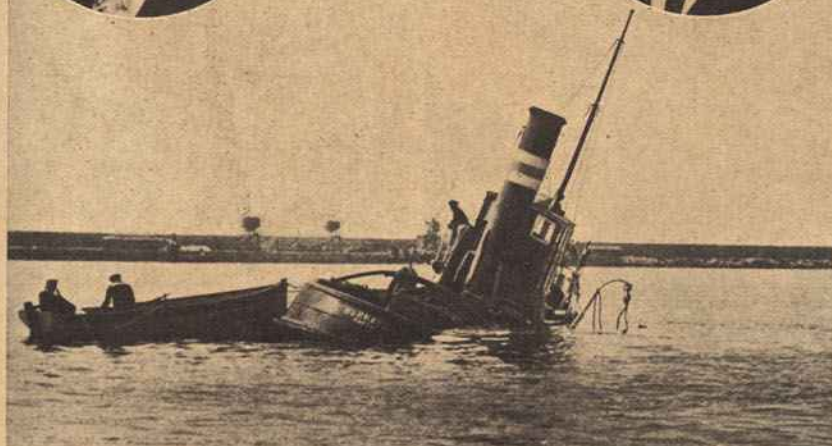
O eminente geógrafo e catedrático Prof. Silva Teles, ex-ministro da Instrução, cuja morte, recentemente ocorrida, foi uma verdadeira perda para a ciência portuguesa.

A ESQUERDA: — O major Nitsuo Nagayama, do exército japonês, inventou um «tank» que será dirigido por T. S. F. — As experiências no Arsenal militar de Kobichi Kava. (Foto Orrios)

FACTOS E ACONTECIMENTOS

A entrada de Leixões o vapor «Corredoira Primeiros abalroou com o rebocador «Burnay 2», fazendo-lhe reventar as caldeiras que mataram o fogueiro João Pedro da Costa (à direita), e feriram gravemente o tripulante José Durval Vieira (à esquerda). EM BAIXO: — O «Burnay 2» encalhado dentro do porto

(Fotos Alvaro Martins)



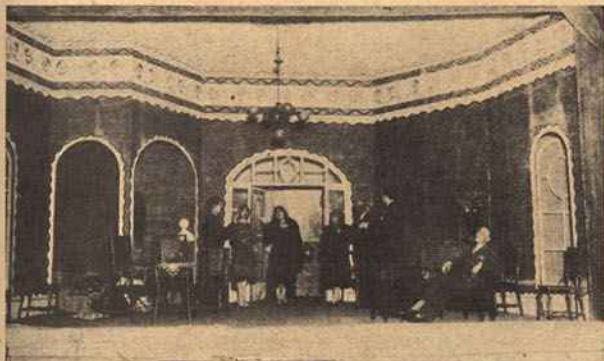
Uma obra prima da engenharia alemã: A represa norte de Bremerhaven. A foto mostra as estacas formidáveis destinadas a sustentar os portões que abrem as câmaras de represa



O sr. dr. Loureiro Marques Dinis, e os seus colaboradores, no brilhante concerto realizado na Liga Naval Portuguesa, no qual foram executadas composições da sua autoria. Da esquerda para a direita: Dr. Loureiro Marques Dinis, D. Josefina Lagos, D. Fernanda de Carvalho, D. Madalena Antunes e o dr. Saraiva Lima

A ESQUERDA: — Jorge Noronha de Oliveira, illustre conselheiro de Portugal em Sevilha e nosso prezado colaborador, cuja comédia «Contra la corriente», escrita em espanhol, foi estralada com caloroso êxito no Teatro Lope de Vega, de Valladolid, pela Companhia Maria Luisa Moneró, do Teatro Infanta Beatriz, de Madrid

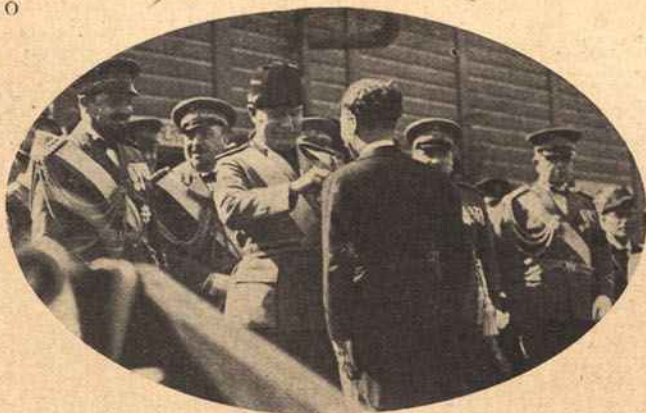
EM BAIXO: — Duas cenas da comédia em 4 actos «Contra la corriente», do escritor Jorge Noronha de Oliveira, estralada com caloroso êxito em Valladolid, (êxito) que nos envidança por ser alcançado por um compatriota e colaborador que, por nota pitoresca, nunca foi representado em Portugal



ILUSTRAÇÃO

EM BAIXO: — Acaba de ser inaugurada a «Casa Americana» na Cidade Universitária de Paris, cuja primeira pedra foi colocada há dois anos. O edifício compreende 275 habitações de estudantes, sendo cada uma das duas alas reservada a um sexo e também dez magníficos «ateliers» de artistas.

(Foto Orrios)

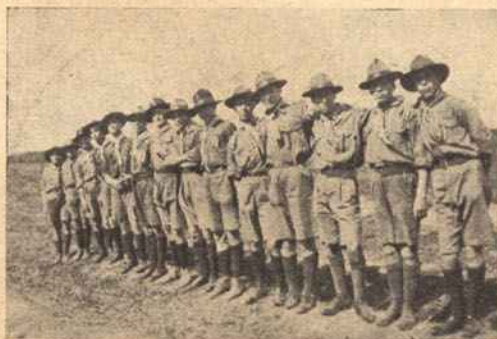


A ESQUERDA: — O enigmático e conflituoso ditador Mussolini também sorri, às vezes. Mostra-o sorridente esta foto em que o Duce condecora, com a medalha de prata do Valor Aéreo, o grande piloto Renato Donati, civil e herói da guerra.

(Foto Orrios)



O edifício da «Villa Saïds», onde morou Anatole France, vai ser transformado em Museu onde se reúnam as recordações do mestre incontestável. Os países civilizados honram assim a memória dos seus grandes artistas.



EXERCÍCIOS DE ESCOTEIROS

Dirigidos pelo sr. Amâncio Joaquim Salgueiro Júnior, realizaram-se no dia 27 de Abril, na Quinta da Musgueira, ao Lumiar, vários exercícios dos Escoteiros da Zona de Lisboa da Associação dos Escoteiros de Portugal. Disputaram-se diversos jogos, tendo feito parte da digressão os grupos seguintes: 2.º, 5.º, 7.º e 9.º. As nossas fotos representam alguns dos simpáticos rapazes que concorreram a êsses belos e salutaros exercícios.



Fridtjof Nansen, o grande explorador norueguês das regiões polares, acaba de falecer com a idade de 70 anos incompletos. Homem de ciência e de acção, Nansen legou ao mundo grandes trabalhos sobre as regiões ignotas dos polos, frutos dos seus arriscados estudos naquelas paragens de morte e desolação. Também foi notabilíssima a sua acção, durante a guerra, em favor das crianças russas famintas devido ao bloqueio desumano dos países da Europa.

(Foto Orrios)



Uma grande missão de intelectuais, políticos e altos funcionários franceses passou em Lisboa, vindos das grandes festas do protectorado francês em Marrocos. Os nossos visitantes depondo flores nos caboucos do Monumento aos Mortos da Grande Guerra.



Azeredo



Azevedo



Azevedo



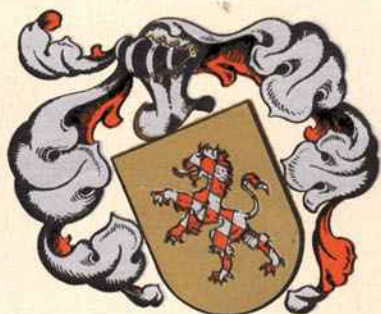
Azinhaes



Azurara



Azureira



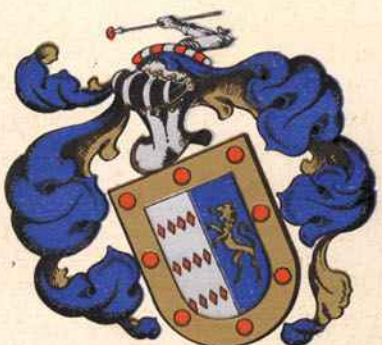
Babo



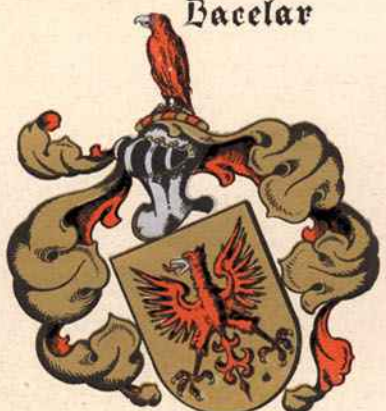
Bacelar



Badajoz



Baena



Bagrão



Bahamonde

A RELIGIÃO E A ARTE NA INDIA

São fenômenos espontâneos do nosso espírito, a religião e a arte. Eles são simultâneos no decurso do tempo e complementares no seu conteúdo ideológico, retratando uma época e uma psicologia gregária.

Segundo Ottofried Muller uma obra de arte consiste no sereno e pensado ajustamento de uma ideia com uma nobre forma. Por isso, as scenas épicas em todos os poemas antigos, surpreendem-nos ora como sugestões de vida real da natureza, ora pela suavidade mística do elemento sobrenatural. E, neste palco complexo de sonho e realidade, os deuses descem do seu Olimpo, para serem comparsas da comédia humana.

Ali os interesses mundanos e o cortejo das paixões entretêm divertindo os nunes, e a divina arte ressalta com pompa máxima da emoção.

O Epos da Odisséa ficou assim consagrado como uma lealíssima demonstração de quanto a mentalidade da Grécia se universalizou para desvendar os segredos daquela imensa e cerrada floresta sagrada do pensamento hindu. E se não fôsse a Grécia a Índia não seria conhecida da Europa, espiritualmente.

Mahabaratâ e *Ramaiana*, com a paisagem sensual dos seus versos monumentais, formavam uma tentadora originalidade literária, defesa para o acesso estranho. Mas a Grécia, na marcha ascensional da perfeição, alcançou a Índia milenária, assimilou os seus símbolos imortais e enredou a sua Trágédia insuperável.

O ofuscante sol do *Absolute* que o materialismo científico não suporta, mostra-se através da mística dos dois poemas sagrados como uma evidência clara, palpitante e meiga de emanações criadoras.

Investigações aventurosas de alguns pensadores do Ocidente, passados 300 anos sobre as conquistas do século XVI, entreviram nas religiões da Índia a caudalosa fonte de uma cristalina espiritualidade. Este impulso foi crescendo e Max Muller definiu o carácter da arte hindu.

Assistimos hoje a uma das mais profundas transformações do mundo, e as coisas da Ásia interessam-nos mais do que nunca. Depois da sábia Alemanha que espontaneamente, momentos antes de estalar a guerra europeia, formulou o seu depoimento no livro *Der Untergang des Abendlands*, falou alto um povo que é o mais exclusivista do mundo — América do Norte — «reconheço no pacifismo filosófico da Índia a mais alta das concepções teosóficas que uma civilização eleita deseja aplicar à política».

Tentam os sábios e os filósofos europeus penetrar o coração religioso da Índia e aos poucos vão descobrindo no eden glorioso de eterna primavera os alicerces universais e subtis do espírito original do homem perfeito.

O monoteísmo hindu é uma base sobre a qual se ergue a doutrina transcendente de símbolos, parábolas, conceitos. São tão belos e tão humanos estes símbolos que o hinduismo emprestou-os ao próprio cristianismo. Assim torna-se flagrante a paridade entre o *Agnus Dei* — cordeiro de Deus dos cristãos — e a *vaca sagrada* dos hindus;

A LENDA DE GANAPOTI

entre a pomba do amor e paz dos sivaístas e o Espírito Santo dos cristãos.

Depois dos símbolos animais torna-se inconfundível a oração dos hindus ao Supremo Ser, pela singeleza como dentro dela florescem todos os atributos de Deus que fizeram inspirar Platão e Kant.

— *Adoro-vos Deus cujas imensas imagens são incompreensíveis por serem os múltiplos espelhos do vosso rosto. Sois Deus imortal e eterno e por serdes bom e amável vos adoro, Deus omnipotente. Assim como dos ares chove a água e se reúne aos mares donde ela sai, tudo é água, e assim Deus verdadeiro sois grande ainda que diferentes*

povos do mundo vos adorem sob diferentes nomes. (Vid. Guitabaxia e Bagtixastra).

Mais além, sempre profundando no caminho das ancestralidades espirituais e religiosas do oriente, o cristianismo vive de paredes meias com o hinduismo. O mistério cristão da Santíssima Trindade tem o seu modelo na *Trimurti* hindu. Este símbolo de poetica elevação verifica-se à semelhança da concepção cristã, nas três divinas pessoas de *Brama*, *Vishnú* e *Siva*, compreendendo um só Deus verdadeiro, integrado nas três funções respectivamente de criar por *Brama*, conservar por *Vishnú* e purificar destruindo por *Siva*.

Finalmente, a sua extraordinária poesia, o hinduismo fa-la irradiar do magnífico pantheísmo que é a teoria harmoniosa dos mundos na sua eterna formação.



Imagem colossal do Santo Ganpoti

A sociedade hindú governa-se pela instintiva moral da natureza que colocou o homem no centro do paraíso terreal. A excelência dessas ideias morais encontra-se no *Rig-Veda* cantando o sonho do amor universal, e nas *Upanishads* exortando a revolta do coração humano contra os falsos formalismos sacerdotais das *Bramanas*.

Dai procede a doutrina política do Nacionalismo indiano, interpretada para fora das fronteiras indianas pelo génio universal de Tagore, Coomoraswami e outros satélites de Mahatma Gandhi.

Dois princípios iluminam a acção destes príncipes do pensamento da paz hindú:

1.º — Convencer o mundo de que o homem não precisa de precipitar os acontecimentos pelos meios violentos da revolução, mas deve promover a evolução pacífica colaborando com ela.

2.º — O homem não deve também combater as opiniões dos seus inimigos quando elas são antagónicas da natureza.

Fundamentada a luta espiritual do Nacionalismo indiano nestes dois apoios inabaláveis, ela não tardará a comover o mundo pela sua beleza moral, e porque a sua verdade é fatal. E este *modus operandi* indiano vem desde há muito perturbando a implacável fleugma inglesa.

Como toda a vida indiana obedece a certa lógica, interpenetração de ideias que não se desagregam do seu conjunto, eu não posso fugir aos seus contactos filosóficos, e implicitamente abordei a política da Índia Contemporânea, fora de todos os meus propósitos.

O antropomorfismo foi sempre o envolvimento do princípio religioso e a arte de todos os tempos contribui para elle com o seu melhor quinhão.

A Índia e a Grécia são férteis nestes disvelos estéticos de beleza para igualar o homem ao seu Deus.

Porém, a Índia excede na fantasia antropomórfico-religiosa a Grécia, caprichando por ter uma iconografia inimitável de símbolos misteriosos, emoldurados no precioso ouro das suas lendas mitológicas, e antes de assinar o meu nome por baixo desta tortuosa divagação para que o paciente leitor amigo possa fazer um juízo de quanto é capaz a maravilhosa mentalidade hindú, vou contar a lenda de Ganapoti.

Ganapoti é o santo hindú que goza, na Índia Portuguesa, uma grande popularidade. Celebra-se em sua honra o 4.º dia do crescente da lua, no mês de Setembro.

A notícia da romanesca vida deste santo é uma das mais belas criações do *folklore* hindú.

Parvoti era uma rainha formosa como uma estrela da madrugada. O seu esposo era o rei *Mahés*, que logo no dia imediato ao seu casamento, partira à frente de um numeroso exército para uma empresa guerreira. E que *Mahés*, querendo ligar o seu nome à história da sua Pátria, queria fazê-lo dignamente. As fronteiras septentrionais dos seus vastos domínios, eram infestadas pelas hordas dos estrangeiros, e dar um combate de exterminio a esses perturbadores do sossego do seu amado povo, pondo em jôgo arriscado a sua própria vida, seria uma acção que indelevelmente se gravaria no coração dos seus súbditos. E se bem pensou, melhor cumpriu o seu projecto.

A pequena e gentil rainha ficára entregue os cuidados mercenários das aias e damas da corte, pois contava apenas 6 anos de idade.

Um dia, com agrado de toda a corte, quis *Parvoti* banhar-se nas águas virtuosas da fonte milagrosa. Estas águas proporcionavam infalivelmente, seguindo as velhas tradições, saúde e ventura à quem, pelo menos uma vez na vida, fosse purificar o seu corpo naquelas águas, com a condição de recolher um pouco de areia do fundo da fonte, e trazer-la dentro de um relicário sempre junto do corpo. E *Parvoti*, informada dessa crença, fez um pequeno boneco de forma humana com alguns punhados da areia da fonte milagrosa para o trazer sempre consigo, como um talisman de felicidade.

A época da puberdade tinha começado a desenvolver desejos indecisos na alma juvenil da menina e rainha, e esta morria por



Ganapoti, segundo um desenho indiano

tornar a ver o seu real esposo, agora que ia sentindo, dia para dia, todas as doces melancolias de virgem que aspira ao amor.

No grémio celestial dos deuses poderosos observou-se aquela profunda tristeza que vinha torturando o pobre coração virgem da innocente esposa de *Mahés*. E a hora de todas as liberalidades tendo soado, no companário da omnipotência, comoveu os habitantes do céu hindú, e ficou determinado que imediatamente o boneco de barro da fonte milagrosa fosse animada com o sopro da vida, e servisse este menino de milagre, de companheiro alegre, para dissipar as máguas da saudosa adolescente.

O menino do milagre teve o nome de *Ganapoti*, que significa a sua origem sobrenatural, e desde esse célebre dia entrou a alegria na câmara real onde dantes só pairava o ar rôxo dos pasmos e desconsolos.

Ganapoti todos os dias ia crescendo a olhos vistas. A sua intelligencia tinha o brilho estranho que fazia espantar os poetas, os cronistas e os sábios da corte e, todos à uma, estimavam, admiravam e amavam aquelle prodigioso filho de Deus.

Havia, porém, alguém que visse com maldade aqueles progressos de *Ganapoti*. Eram os sacerdotes. Porque eram elles que guiavam o barco do Estado, segundo a vontade arbitrária da sua classe.

Cada dia que passava, os sacerdotes alarmados com a expectativa de um futuro de implacável justiça, viam mais próximo o fim trágico de todas as suas aspirações.

— Mas havia de se remediar tudo. Elles que não vacilaram nunca para transpor, contraditar e até interpretar a seu bel-prazer os textos das escrituras sagradas, não haviam de succumbir também agora diante de um menino.

Mahés, em vespéras de realizar o seu triumphal regresso, recebeu um emissário que lhe comunicou um recado, e o magnânimo rei, montado num cavallo bravo, pôs-se a caminho, desacompanhado de qualquer cavaleiro da sua grandiosa comitiva.

No fim de três dias custosos, de uma viagem fadigosa, chegou às portas da cidade e ordenou completo silêncio, a fim de penetrar inesperadamente na câmara da rainha. Mas quando *Mahés* ia atravessar a antecâmara real, *Ganapoti*, o dilecto pagém, grave e protocolar, ignorando que aquelle fosse o rei, inquiriu as razões do insólito procedimento, e o rei confirmando na intimidade do seu espirito certas suspeitas inclementes que o atormentavam, desembainhando a sua preciosa espada de prata, degolou o innocente filho do milagre que custodiava intelligentemente o talamo da rainha contra a sórdida intrigalhada dos sacerdotes.

Em seguida a este sanguinário proceder, *Mahés* afastando as pesadas cortinas de ouro apresentou-se diante de *Parvoti* como uma visão de raiva.

A rainha, rodeada das suas damas de honor, estava a preparar-se para o passeio matinal no parque das contemplanções, e, surpreendida, despediu todos e quis ouvir o seu rei e o seu esposo.

Mahés, incisivo e arrogante, mostrou-lhe o allange ensanguentado e disse que degolara o desconhecido intruso que tinha encontrado na antecâmara.

Parvoti, banhada em lágrimas, cafiu de joelhos e supplicou aos deuses a graça de fazer ressuscitar *Ganapoti*, explicando depois ao marido a origem divina do innocente, vítima da terrível injustiça.

A protecção infinita dos deuses, porém, defendia *Parvoti*, e ouviu-se uma voz misteriosa, que falou assim:

— *Mahés*, corre ao parque e corta a cabeça ao primeiro ser vivo que encontrares. Pega nessa cabeça e colca-a no corpo inanimado de *Ganapoti* e este viverá.

Pressuroso, *Mahés* foi à busca do ser vivo e encontrou o seu elefante branco. Cortou-lhe a cabeça e colocou-a no corpo de *Ganapoti* conforme o aviso do céu, e este voltou à vida.

No mesmo instante pediu *Mahés* perdão a *Parvoti* da falta involuntária, agradecendo depois os dois esposos o favor aos deuses protectores.

As gravuras mostram a imagem de *Ganapoti* com quatro braços, que são o símbolo do poder das armas que elle manejava com rara destreza. A serpente que se enrola em volta do ventre do santo significa o génio do mal que elle dominou para sempre, tornando-o submisso escravo das suas ordens.

Finalmente, o pequeno rato branco representa a insignificância a que ficou reduzido o poder sacerdotal na corte de *Mahés*.

NOTAS TAUROMAQUICAS

EM QUE SE PROVA QUE OS "QUINTOS" SÃO, ÀS VEZES, DOS PRIMEIROS

Na vida dos toureiros espanhóis — que ao Compo Pequeno estão chegando depois das andorinhas — há um período inesquecível, o cumprimento obrigatório dum dever que fica marcando uma data para todo o sempre, mais que a data da alternativa.

Refiro-me ao ano do serviço militar, ao ano em que, atingida a idade legal, têm que ingressar nas filas do exército, ainda que esse ano seja o dos seus maiores êxitos, em pleno triunfo, quando a ausência dos redondéis é mais prejudicial e a presença no quartel mais sensível e custosa.

Então há uma única solução que não isenta de vestir a farda nem livra da instrução militar mas que atenna os deveres do quartel — o «quinto», como lá chamam aos recrutas, paga determinada quantia que o dispensa de certos serviços e lhe dá folgadas regalias, passando à privilegiada categoria de soldado de «quota».



«Ale», o toureiro valente, tão querido em Lisboa, fardado de soldado de «quota»

Começa o de «quota» por ser autorizado a substituir o uniforme do casão por farda feita à medida e de bom pano — como a que na fotografia junta exhibe o popular «Ale» — e aprendendo a recruta a horas que lhe permitem ir comer e dormir a casa, acaba, terminada a instrução, por tourear no pátio do quartel em festa de despedida e em honra da Padroeira da Infantaria, se é essa a sua arma, no dia da Senhora da Conceição, «la Patrona».

E não há toureiro, por mais célebre e categorizado, que pelo quartel não tenha passado, que não tenha recordações e fotografias marciais a lembrarem a data de «su quinta».

O próprio «Joselito», depois de ter sido isento por insuficiência torácica, voltou a ser inspeccionado e apurado no ano seguinte; e lá aprendeu a instrução em Sevilha, como soldado de «quota» e acarinhado por todos os

oficiais, honradíssimos pela oportunidade de serem seus superiores, o cúmulo para um sevilhano «aficionado», por mais oficial que seja. E os oficiais instrutores de «Joselito, El Gallo», ficaram todos «gallistas militantes».

Os manes Belmonte também foram «quintos» e a um deles, Manolo, coube em sorte prestar serviço em Marrocos durante os anos difíceis da campanha, e lá gastou tudo o que toureando houvera amealhado, para se livrar de pesados serviços e em diversões a que se entregava durante as licenças difficilmente obtidas.

Nem os mais pfeiros, como «Niño de la Palma», se livraram da obrigação, e este foi dos que mais sofreu, perdendo muitas corridas, em pleno triunfo, por falta de licença para se ausentar do quartel.

A não ser que, por demasiadamente picarescos, incorram no delicto da deserção, extremo

a que alguns têm recorrido fugindo para Portugal, mas, assim mesmo, acabando por regressarem à Pátria, a trôco de terem de cumprir o dever a que julgaram poder escapar.

Um dos mais pitorescos foi «El Almendro» que, servindo-se da simpatia e graça, conseguiu ser escolhido para rancheiro. E lá ia todos todos os dias à praça fazer as compras para o rancho. Mas tantas simpatias tinha «El Almendro» entre as agradecidas vendedoras, que tôdas o convidavam para tomar «una copita». E tantas «copitas» tomava «El Almendro» que muitos dias ficaram os «quintos» sem rancho e ele sem liberdade, pagando na prisão do quartel as demoras e até ausências a que o levavam as «copitas».

Aconteceu-me ir com um amigo querido visitar o antigo «diestro» António Fuentes, ainda no seu «cortijo de La Coronela».

Aproximou-se de António Fuentes, que pinta o cabelo e não quer ser antigo, um desconhecido, velho, muito velho, que o saudou com tal cortezia que forçou o ex-toureiro a corresponder-lhe de igual modo.

Mas o desconhecido, com um risinho muito andaluz, insistiu:

— Quê, no se acuerda usted de mi?

— Hombre, la verdad, no! — respondeu Fuentes, ainda amável mas já desconfiado.

— Pues soy de su quinta!

Quería o andaluz, velhote e trocista, dar a entender que Fuentes, a-pesar do cabelo pintado, era da sua idade por haverem «servido El-Rey» no mesmo ano; mas António Fuentes, tocada a sua corda sensível, perdeu a cabeça e, trocando a finura pela cólera, rompeu de gritar insultos que espantaram o outro:

— Mentira, só embustero, mentira! — e, voltando-se para nós, continuou:

— Este embustero será de la quinta de mi padre, pero lo que es de la mía es mentira, mentira!

EL TERRIBLE PEREZ.



TABOA DÉCIMA TERCEIRA

AZEREDO — Em campo azul, oito bastões de ouro em contrabanda.

TIMBRE: Um leão sainte contrabandado de azul e de ouro, de 9 peças, lampassado de vermelho.

D'azur, à huit batons en barre d'or.

CIMIER — Un lion issant barré d'azur et d'or de 9 pièces, lampassé de gueules.

AZEVEDO — Em campo de ouro, uma águia estendida de negro.

TIMBRE: A águia do escudo.

D'or, à l'aigle de sable au vol éployé.

CIMIER — L'aigle de l'écu.

AZEVEDO (de S. João de Rei) — Esquartelado I e IV em campo de ouro, uma águia estendida de negro; II e III em campo azul, 5 estrelas de seis pontas de prata postas em sautoir, bordadura de vermelho carregada de 8 aspas de ouro.

TIMBRE — A águia do escudo.

Escartelé: aux I et IV d'or, à l'aigle de sable au vol éployé; aux II et III d'azur, à 5 étoiles de six rais d'argent mises en sautoir, et à la bordure de gueules, chargée de 8 flanchis d'or.

CIMIER — L'aigle de l'écu.

AZINHAIS — Em campo de prata, uma azinheira de verde, frutada de ouro.

TIMBRE: A azinheiro do escudo.

D'argent, à un chêne-vert de sinople, fruité d'or.

CIMIER — Le chêne-vert de l'écu.

AZURARA — Em campo azul 4 estrelas de ouro de 5 pontas acantonadas e uma cruzeta de púrpura em abismo.

TIMBRE: 3 rosas de prata, sustidas e folhadas de verde.

D'azur, à 4 étoiles cantonnées d'or, et une croizette de pourpre mise en abîme.

CIMIER — Trois roses d'argent, soutenues et feuillées de sinople.

AZUREIRA — Partido: I em campo de prata com uma águia estendida de negro; II lisonjado de ouro e vermelho; bordadura de azul carregada de oito estrelas de 8 pontas de ouro.

Parti: au I, d'argent, à une aigle de sable au vol éployé; au II losangé d'or et de gueules; à la bordure d'azur, chargée de 8 étoiles à 8 rais d'or.

BABO — Em campo de ouro, um leão lisonjado de prata e vermelho, lampassado do mesmo.

D'or à un lion losangé d'argent et de gueules, lampassé du même.

RACELAR — Em campo de ouro, duas vides de verde, unidas em ponta e passadas em aspa ao meio do chefe, frutadas de 4 cachos de uvas de púrpura.

TIMBRE: Um leopardo de ouro, sainte, a cabeça encimada por uma folha de vide de verde.

D'or, à un rinceau de pampre de sinople, fruité de 4 grappes de raisin de pourpre.

CIMIER — Un léopard d'or, issant, sa tête sommée d'une feuille de vigne de sinoples.

BADAJÓZ — Em campo de ouro, a imagem de S. João Baptista de pé, vestida de peles e com capa de vermelho segurando na

dextra um castelo de prata lavrado, aberto e iluminado de negro.

TIMBRE — O castelo do escudo.

D'or, à l'image de S. Jean Baptiste debout, vêtu de peaux, paré d'un manteau de gueules, tenant de sa dextre un chateau d'argent ouvert, ajouré et maçonné de sable.

CIMIER — Le chateau de l'écu.

BAENA — Partido: o I em campo de prata, 12 lisonjas de vermelho, 4, 4, 4; o II em campo azul um leão de ouro, bordadura de ouro carregada de 8 arruelas de vermelho.

TIMBRE — Um braço armado de prata, empunhando uma lança do mesmo, enristada, com uma arruela do escudo na ponta.

Parti: au I d'argent, à 12 losanges de gueules, posées 4, 4 et 4; au II d'azur, au lion d'or; à la bordure d'argent, chargée de 8 tourteaux de gueules.

CIMIER — Un dextrochère armé d'argent tenant en arrêt une lance du même, qui entile un tourteau de l'écu.

BRAGÃO — Em campo de ouro uma águia estendida de vermelho, bicada e armada de prata.

TIMBRE — A águia pousada.

D'or à l'aigle éployée de gueules, becquée et armée d'argent.

CIMIER — L'aigle éssorante.

BAHAMONDE — Em campo azul um M. de ouro coroado à antiga do mesmo; bordadura cosida de vermelho, carregada de 7 peixes de prata, 2 em chefe 2 em cada flanco e 1 em ponta.

D'azur, à un M couronné à l'antique d'or, et à la bordure cousue de gueules, chargée de 7 poissons d'argent, posés 2 en chef, 2 à chaque flanc, et 1 en pointe.



NOVIDADES LITERÁRIAS

ALMAS EM FLOR

César de Frias, publicista fartamente conhecido e de sólido prestígio pelos seus méritos, vai lançar no mercado, dentro de alguns dias, um novo livro. Não é um facto que possa e deza passar como indiferente. Crítico arguto, prosador de castiça originalidade, novelista sensível e brilhante, César de Frias, neste novo livro de contos e noveletas, qual dêles o mais belo e sugestivo, vai, decerto, obter um novo triunfo. Ilustração orgulha-se de poder oferecer aos seus leitores, em primeira mão, uma magnífica página do mais extenso conto de Almas em Flor e que depõe suficientemente, pela sua profunda beleza, em favor do belo livro de César de Frias.

UM CONDE QUE FOI A CAÇA

Fiel de Santo Huberto era o monarca daquelle tempo. Em suas coutadas as campanhas cinegéticas aprestavam-se quasi diariamente. E tão ardente era a sua paixão pela caça que todos os seus livros de cabeceira não tratavam doutro assunto. Por exemplo, Xenofonte e Lucécio, Ovidio e Gracío Felisco, autor do celebre poema «Cinegético», e mais Gatão, Varrão e Plínio, usufruíam muito o seu aprêço, por terem versado a arte da montaria. Até noite velha, êle encarregava êstes autores antigos de o defenderem das arremetidas do sono.

Por último, indiciando as suas predilecções de monteador, revestia de alto a baixo uma das paredes da sua própria alcôva um maravilhoso Arrás, no qual Diana andava perseguindo uma rena. Nessa tapacaria a deusa apparecia-nos nua, sem que todavia sua contemplação inspirasse idéas de malícia. Era bem a deusa alva e virginal que Vergílio cantou.

Caçador entusiasta, nenhum dos elementos essenciaes ao divertimento fazia mingua ao rei. Nenhum. Seu canil era selecto, formado de galgos de puro-sangue e molossos cruéis, com sede de matar. E quanto a condelaria, possuía a melhor, a mais apurada. Adicione-se a tudo isto uma experimentada turma de monteiros, tão devotos de Diana caçadora como seu real amo,—e eis o aprêsto completo. Bem podiam cervos e javardos tremer em seus covis!

Certa manhã, muito cedo ainda, nas circumvisinhanças do paço ouviu-se o arruído que volta e meia sobressaltava por ali as gentes. Soavam trompas e atabales, havia vozes de mando, os árdegos corcéis escarvavam as lages do pátio e os mastins impacientes saltavam latidos.

Estremunhadas, cheias de susto, as criancinhas inquiriam:—que é? que não é? E em cada casa, uma carinhosa mãe respondia:

—Sossega, meu filho; é el-rei que vai para a caça.

Desta feita a montaria estendia-se para os contos que defrontavam, a uma banda, com as terras de Cassiano. Havia muito

que para aquêles lados se não effectuava batida alguma, pelo que era de esperar uma produtiva caçada. Anos a fio, o pôrco selvagem pudera ali procriar e multiplicar a prole em completo sossêgo.

Luzida e numerosa comitiva levava o rei nesta jornada. Além doutro monarca seu parente e aliado, acompanhavam-no alguns príncipes e muitos cortesãos.

Entre êstes últimos particeps do séquito contava-se um conde ainda moço, que à nossa história muito importa. Chamava-se Leonardo, ia na volta dos trinta anos e era solteiro. Dizê-lo muito afeito ao desporto venatório seria mentir. Por mero comprazer acedera em entrar na diversão. E, embora equipado como caçador, ia mais resolvido a presenciar do que a agir. Uma circunstancia o favorecia na empresa: não era exclusivamente do sexo forte a companhia. Dela faziam também parte cinco formosas damas, que à maneira de valquírias, com a sua presença incitariam a grandes feitos os másculos companheiros. Mais doneador do que monteador, o conde logo se arvorou em guia do esquadrão feminino. Seu elegante fouveiro, que, sob a luz lactea da manhã, dir-se ia ter saído de um banho de mel, tanto lhe brilhava o pêlo macio, foi colocar-se habilidosamente entre o ginete nervoso que a condessa Edwige cavalgava e o que conduzia Xénia, sobrinha do próprio rei. Não era tólo, o conde Leonardo: assim o escoltavam as duas mais juvenis e encantadoras amazonas da comitiva, consideradas igualmente na côrte como as mais belas donas. Galanteio a uma, madrigal a outra, à da esquerda um olhar em que se lia um «amo-te», à da direita um sorriso que equivalia a um «adoro-te», o conde sentia-se imensamente divertido e feliz. Para excursões cinegéticas dêste jaez, convidassem-no sempre!

Quanto às damas, a-pesar de se aperceberem ambas da duplicidade amorosa do fidalgo, não lhe desagradava o jôgo galanteador. Quando menos, entretinha-as e confirmava-lhes, ainda, que possuíam, uma e outra, lindeza bastante para impressionar e render um varão garboso como o conde. Mercê por mercê!

Já lá ia uma boa hora de trote, quando chegaram à orla da zona destinada à batida. Desmontaram então e fizeram um pequeno descanso. Após, abalaram de novo, mas agora a passo, porque a mata adensava-se e o sol, já uns palmos acima do horizonte, mal penetrava nela. Aquêles eram já domínios do inimigo.

Entraram, pois, em acção os monteiros e a matilha feroz, composta de trinta molossos decididos à luta,—trinta Cerberos que não haviam escutado a lira de Orfeu. E os caçadores dispuseram-se em linha, num círculo vigilante à marcha de mato onde a caça, na denuncia dos monteiros, se acotitava. Terra selvática, jamais arroteada, o javali achara-a esplêndida para o seu alcáçar.

A pé firme, atentos, silenciosos, os caçadores já occupavam os postos que lhes haviam sido designados, com intervalos regulares, no agreste recesso da floresta. E assim cada um esperaria que lhe surgisse a caça, para a matar—se tal dita lhe coubesse.

Passaram as horas. Subiu mais o sol, cujos raios já aqui e ali esburacavam o dossel vegetal. Lentas horas, essas, duma lentidão enervante, envoltas num silêncio fundo, só quebrado de longe em longe por um trilo de ave ou o estalido dum ramo. E depois silêncio, mais silêncio e imobilidade, tendo em frente a mata cheia de mistério.

A dada altura, scindiu-se a espera. Reüniram-se os caçadores para a sóbria merenda. Grandes jarros de leite, gomis de mel e de vinho odorífero e vermelho como sangue moço, andaram de mão em mão. E com êles, carnes frias e frutas sumarentas. A seguir, reatou-se a espera.

Até que, de súbito, rasgou o silêncio, agitou o ar um rumor estranho e forte, em que se amassavam os audidos raivosos dos cães e a grita excitadora dos monteiros. Fôra visto ou, pelo menos, pressentido o inimigo. Coragem e alerta, caçador!

Contagion-se, de posto para posto, a ansiedade. Uma vaga de frenesi tocou os nervos. Ladravam cada vez mais furiosamente os mastins, bradavam mais alto os monteiros, açulando-os. Já expulso, decerto, do covil, o pôrco montês cortava o mato, assustado. Halali! Halali! Apertado o círculo, êle, se bem que espavorido, preparava-se para defender bem caro a vida. Esbravejava, corria célere, roncava, menos aflito do que ameaçador. E o alarido, numa bárbara música, a subir, a subir sempre! Por fim, soon o primeiro tiro e soaram muitos mais. O javardo estava perdido: o caçador para cujo posto êle avançara agora, mal o lobriço meteu a arma à cara e—zás!—atingiu-o meio palmo abaixo da espádua esquerda. Escuro, corpulento,—quantas arrôbas não sei—o animal caiu pesadamente, sangrando. Paz à sua alma!—se brutos a teem. Que o corpo, muita volta havia ainda de levar antes de, como iguaria preciosa, ser servido, nessa mesma noite, à mesa real!

Assim decorrerá a jornada. E como a tarde declinava, fêz-se o regresso. Novamente, ao som de trompas e atabales, relinchavam os corcéis, conversavam e riam os afortunados caçadores, impavam de satisfação os cães ofegantes, vinham fatigados mas orgulhosos os monteiros. Bela caçada, recompensado esforço!

E em póvoas e casais, o alegre arruído da sua passagem despertava mil perguntas nos lábios infantis:—que é? que não é? Ao que as mães, como em tantas outras tardes semelhantes, respondiam:

—É o senhor rei que vem da caça.

CÉSAR DE FRIAS

EM DEFEZA DO CÃO E DO GATO

Devemos reconhecer lealmente que, se ainda não está em desuso esta expressão: *andam sempre como o cão e o gato*, as causas que a geraram e puzeram em voga não obedecem a uma lei determinada e lógica. Trata-se, inclusivê, como procuraremos demonstrar no curso deste artigo, duma criação perfeitamente arbitrária, sem razões, portanto, que a justifiquem.

O zoologista que, em face da composição específica do homem, o classificou no primeiro posto da escala zoológica, se não mentiu como um aldrabão da sciencia que era, deu uma lamentavel prova da sua crassissima ignorancia, a não querermos admitir, o que aliás cairia dentro dos limites do possível, que, se assim procedeu, foi apenas para favorecer, com injusta parcialidade e manifesto prejuizo das características específicas das outras, a especie a que ele pertenceu. Se realmente assim foi, não podemos deixar de convir que os homens corresponderam a este gesto altruista com firme gratidão, encobrindo a artimanha, torpeza ou brejeirice do sabio classificador com umas frasesinhas a propósito que, se não correspondem inteiramente à verdade, servem às mil maravilhas os fins a que se destinam.

Pelas suas atitudes e manias, vícios e acções, o homem cai muitas vezes, sem remissão possível, nos postos atribuidos, pelo cientista em referência, aos animais que não são da sua semelhança, felizmente para elles, sendo o lobo, a pantera, o chacal, a hiena e o tigre os bichos mais directamente affectados por esta verdadeira intromissão nas atribuições alheias.

Quando um homem briga com outro homem, não se diz, por exemplo: estes andam como o francês e o alemão, como o monárquico e o republicano, como o capitalista e o proletário, ou, se queremos nacionalizar um pouco mais a expressão, como o *searista* e o *integralista* ou como o jornal *A* e o jornal *B*, condições, tôdas estas, que pertencem apenas às prerrogativas do homem e pelas quais é ele o

CRÓNICA FRÍVOLA EM QUE SE ABORDAM OS MOTIVOS DO LOBO DE S. FRANCISCO DE ASSIS E NA QUAL SE FAZ UMA VAGA ALUSÃO A S. A. R. O INFANTE DOM DUARTE NUNO E À LIGA DOS DIREITOS DO HOMEM

único responsável. Não, nada disto se diz. Prepara-se o salto sobre a honrada casta da espécie alheia e inventa-se logo, desprezando escrúpulos e verdades: *estes andam como o cão e o gato*, definindo-se assim um acto exclusivamente humano, para o qual há como dissemos, similares de sobejo na natureza do homem, com uma calúnia que ainda nem o cão nem o gato fizeram por merecer.

Assim como ao leão, que o mosquito vence no testemunho da fábula, se deu em chamar o rei dos animais, assim ao homem, de quem a mulher faz gato sapato, se atribuiu a designação de animal superior, o que está em constante luta com a sua natureza ética e psicológica, levando-o a recorrer, para conservar os seus pretendidos foros, a tôdas as patranhas e invenções. Daí a dignidade humana, e a generosidade humana, a intelligencia, a educação, a moral do homem e outras ficções da mesma índole, e daí também essa injuriosa expressão que agora comentamos, que só pode transitar como a justificação ladina duma problemática superioridade, a qual é preciso aparentar a expensas de tudo, e só como tal pode admitir-se, porque nós, homens, não temos direito — e os mais sinceros, como Schopenhauer, já o reconheceram — simplesmente por uma caprichosa classificação de qualquer maduro, a difamar tão levemente os animais nossos amigos, e seja dito sem intuito de réclame, que, de resto, bem o merece, a deliciosa obra do mesmo nome que o poeta Afonso Lopes Vieira escreveu um dia.

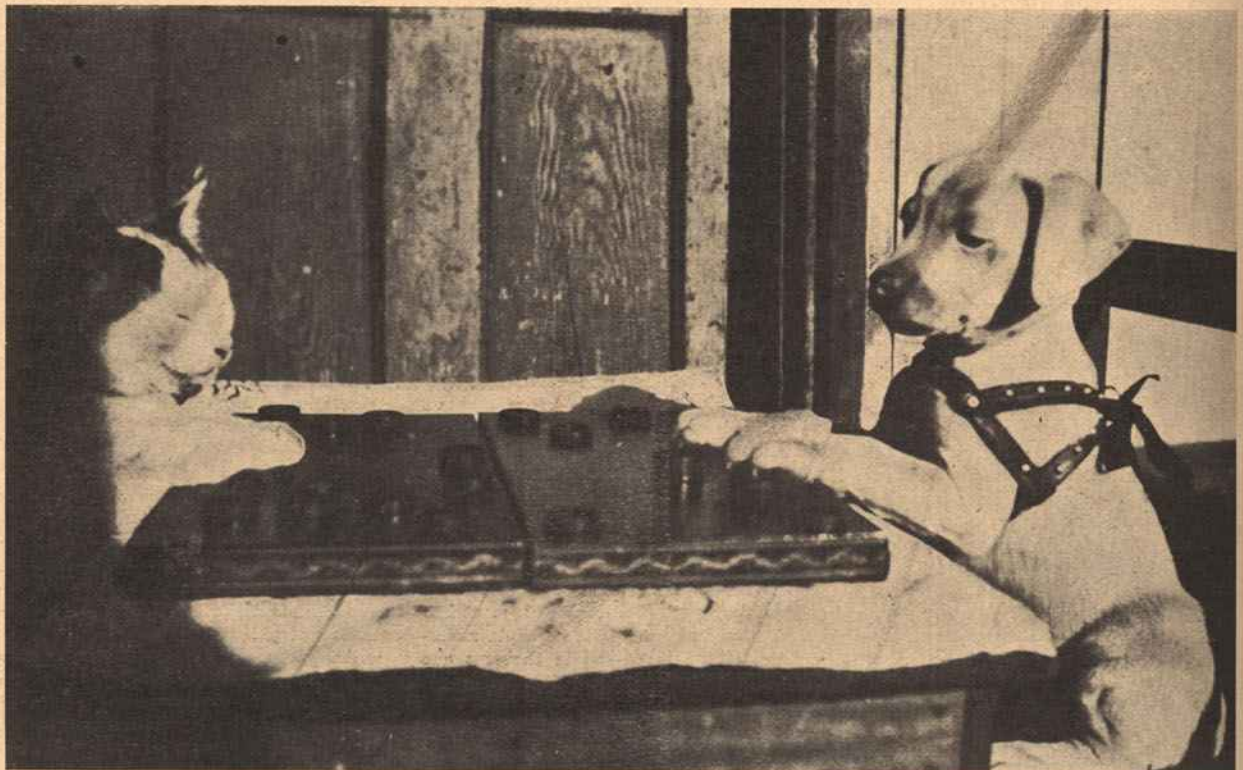
O gato não é instintivamente um animal adverso ao cão, nem o cão um animal adverso ao gato. Enquanto ao bicho homem em face

dentro homem bicho, podemos afirmar o mesmo?

Seria impossível escrever um livro que se intitulasse *Homens nossos amigos* sem que a verdade se sentisse miseravelmente defraudada. Outro tanto não se deu com o livro daquelle illustre poeta português, que realizou uma bela e exacta interpretação dos animais da nossa maior intimidade, devassando-lhes os sentimentos mais recônditos através das suas variadas e respectivas vozes. Experimentem os senhores, se são capazes, penetrar nos sentimentos do homem através dessa via tortuosa cheia de becos imundos, de curvas fatais, abismos sinistros, cepos traidores e encruzilhadas sem fim que se chama a voz do homem!

Mentes como um cão! — diz-nos essa mesma voz, difamando o leal e fiel companheiro de todos os cuidados e vigílias, que deve sentir às vezes, lá no intimo da sua seriedade atormentada, quando escuta alguma das suas confissões sinceras — das suas, dela, meliflua e ardilosa... — daquelas suas confissões leais, de alma para alma, de lagrima nos olhos castos e a honra estampada ao canto da bóca, a tentação de gritar, de parodiá-lo o insulto sem nome com este desabafo pungente: — *Mentes como um homem!* E seria então caso para parodiá-lo também: *vox canis*...

O espírito que rege as relações entre os homens não é precisamente o que se encerra no corpo dum gato ou dum cão. Apesar de não estar ainda bem determinada a sua natureza, mais se aproxima pelas provas de ferocidade que constantemente nos dá o espírito do lobo, de que apenas nos podemos servir como um ponto de referência bastante falível. Mas, en-



Dois exímios e cordiais jogadores das damas

fim, é o único que possuímos. E se acentuamos a sua futilidade é porque o leitor conhece de certo os motivos do lobo de S. Francisco de Assis, que um grande poeta americano, Ruben Dario, estilizou com profunda emoção e mui subtil essência lírica.

S. Francisco procurou um dia o lobo na sua madrigueira e propôs-lhe amorosamente a reconciliação com os homens. E o lobo, deixando-se levar pelas doces palavras do Santo, reconciliou-se com os homens. E de animal temido, feroz e carniceiro, que tudo atacava e tudo destruía, transformou-se num bicho humilde, amado pelo vulgo e que as crianças afagavam. Já a ninguém perseguia nem a ninguém amedrontava. Tudo era paz e alegria na povoação. Encontrou o lobo santa guarida no convento de Assis e foi de Francisco inseparável e leal companheiro.

*«Sus bastas orejas los salmos oían
Y los claros ojos se le humedecían.
Y cuando Francisco su oración hacía,
El lobo las pobres sandalias lamía.
Salía a la calle,
Iba por el monte, descendía al valle,
Entraba a las casas y le daban algo
De comer. Mirábanle como a un manso galgo.»*

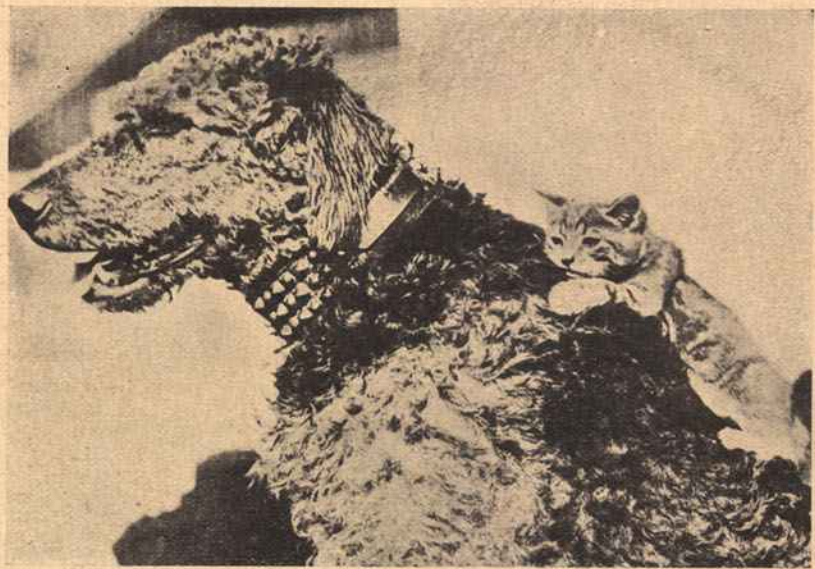
Mas um dia o bom do Santo ausentou-se da terra. E o lobo volta ao campo, entregando-se novamente à sua vida selvagem:

*«Otra vez sintiose el temor, la alarma,
Entre los vecinos y entre los pastores.»*

Regressa Francisco de Assis. E, junto d'ele, tudo foram prantos e queixas contra aquél infame lobo del demonio.

Divino Francisco toma o caminho da montanha, encontra a fera à entrada da cova e assim a increpa:

*«En nombre del Padre, del sacro Universo!
Conjurote—dijo—oh, lobo perverso
A que me respondas: Porque has vuelto al
[mal]»*

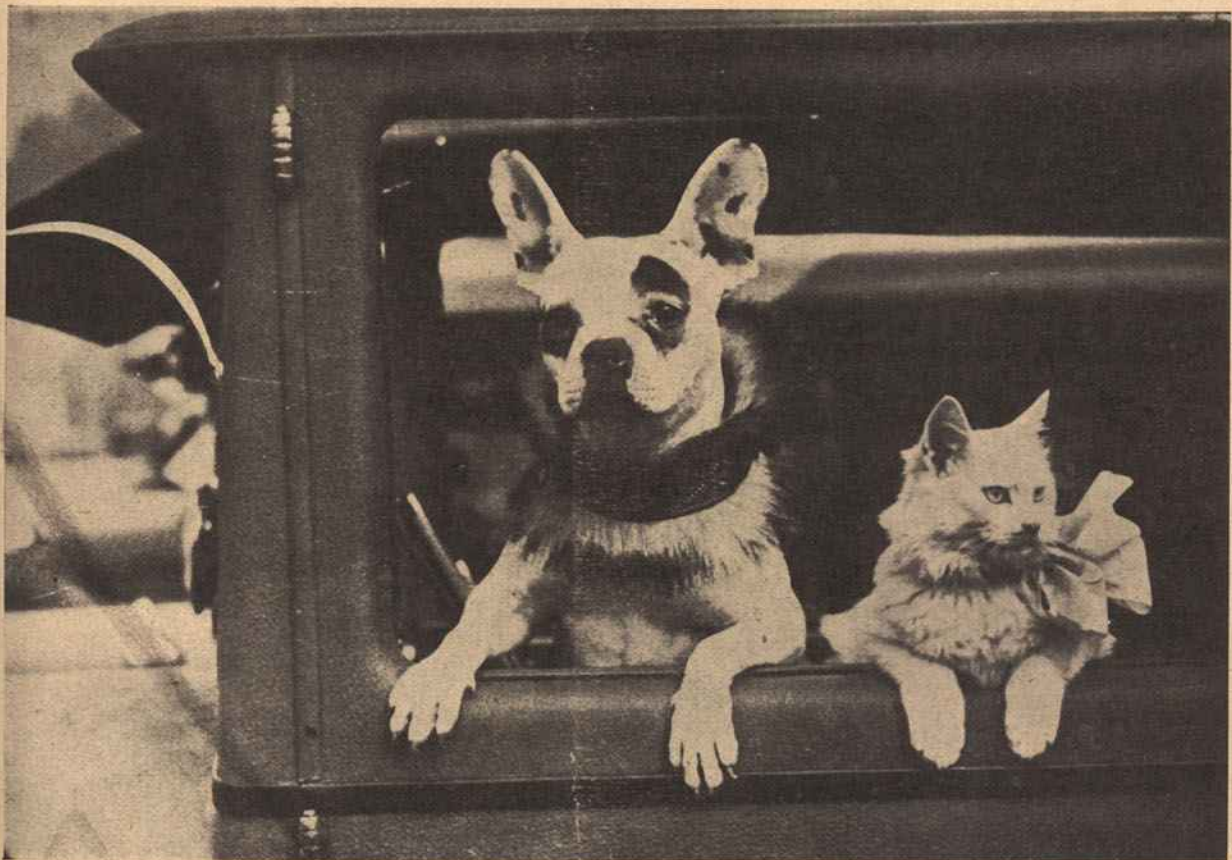


Um bom cão que dá cavalarias ao esperto do gato

E o lobo responde:

*«Yo estaba tranquilo allá, en el convento,
Al pueblo salía,
Y si algo me daban estaba contento
Y manso contía.
Mas empecé a ver que en todas las casas
Estaban la Envidia, la Saña, la Ira,
Y en todos los rostros ardían las brasas
De odio, de injuria, de infamia y mentira.
Hermanos a hermanos hacia la guerra,*

*Hembra y macho eran como perro y perra,
Y un buen día todos me dieran de palos
Me vieron humilde, lamía las manos
Y los pies. Seguía las sagradas leyes,
Todas las creaturas eran mis hermanos,
Los hermanos hombres, los hermanos burros,
Hermanas estrellas y hermanos gusanos.
Y así, me apalearon e me echaron fuera,
Y su risa fué como una agua hirviente,
Y entre mis entrañas revivió la fiebra,
Y me sentí lobo malo de repente;*



Dois amigos que o luxo irmana, na mesma prosapia



Dois camaradas em que a fantasia destronou a zoologia mas que talvez sejam cão... e gato

Mas siempre mejor que esa mala gente.

R. o Santo de Assis, com as lágrimas nos olhos e o coração desfeito em dôr, as brancas mãos erguidas ao Altíssimo, só teve esta exclamação:

«Padre nuestro, que estás en los cielos.»

Está é a história do lobo de S. Francisco que aprendeu a ser *lobo malo* em contacto com os homens. Ora, se no cão e no gato, animais domésticos, há por vezes respingos de mau humor, é justo atribuí-los às duras lições da convivência. Porque não banir, pois, essas expressões erradas e altamente ofensivas para a dignidade de quem não se considera homem?

Entre cães e gatos não há política, nem ibatismo, nem religiões, nem latinidade, nem germanismo, nem a invejasinha literária, nem a concorrência à mesma mão acaudalada, nem coisa que se pareça. Eles não sabem nada dos Direitos do Homem e ainda menos dos princípios das nacionalidades ou dos poderes pela graça de Deus. Para eles, a família é uma organização que se junta à volta do mesmo osso, em boa harmonia sempre que o osso não se incline demasiado para algum dos seus membros, e não uma célula social que pretenda guindar às alturas do Trono S. A. R. o Se-

nhor Dom Duarte Nuno de Bragança; nem uma conglobação atômica de indivíduos, de direitos reconhecidos perante um conjunto de leis que só reconhece os direitos dos outros, especialmente de quem as faz, aprova e manda executar. Meta o leitor a mão na consciência, se é que a tem, e diga se já sentiu algum dos seus direitos reconhecidos por essa infinidade de leis ou decretos que os legisladores espalham sobre nós num elaborar contínuo!... Nestes tempos em que já há mais leis do que os direitos que nós queremos ver reconhecidos, porque não abolir algumas delas, as de excepção por exemplo, e se nos respeita este direito vital que o próprio Deus não nos nega, porque assim nos quis fabricar os órgãos, e que consiste em respirarmos livremente e à nossa vontade, sem rollas marciais que nos atrofiem?

existência duma via de comunicação: a ponta dum chicote. Chicote este que o preto voltará naturalmente contra nós, no uso dum indiscutível direito de correspondência, quando chegue o dia da sua vingança inevitável. Lição admirável de civismo, com a sua desobediência intransigente e tenaz, está dando neste momento o índio Ghandi contra uma raça diferente, diferença que não subentende, claro está, as mais vagas noções de superioridade, antes pelo contrário.

Neste cães e nestes gatos que hoje apresentamos solenemente a V. Ex.^{sa}, há uns que jogam as damas sem batota, que é outra das especialidades dos cavalheiros de salão, e outros, num perfeito à-vontade, à janela dum luxuoso automóvel, admirando com a maior naturalidade as surpresas que a paisagem lhes ofe-



Uma linda gata

e os seus filhos cachorros

As fotografias que ilustram este artigo correm com a lenda da animadversão entre o cão e o gato. Apresentam-nos elas os dois animais de raças diferentes em franca convivência e com um marcado ar de satisfação comum. Os melhores já viram-homens de distintas raças que se entendessem entre si? Nós, quando pretendemos que o preto nos entenda, só sabemos da

rece... Vemos ainda o gato às cavaleiras do cão, isto é, o mais fraco sobre o mais forte, ao contrário do que sucede no reino dos homens, onde anda invariavelmente o mais forte sobre o mais fraco; puxa que puxa, até derrear...

SEAVON.

(Polos Orriox.)

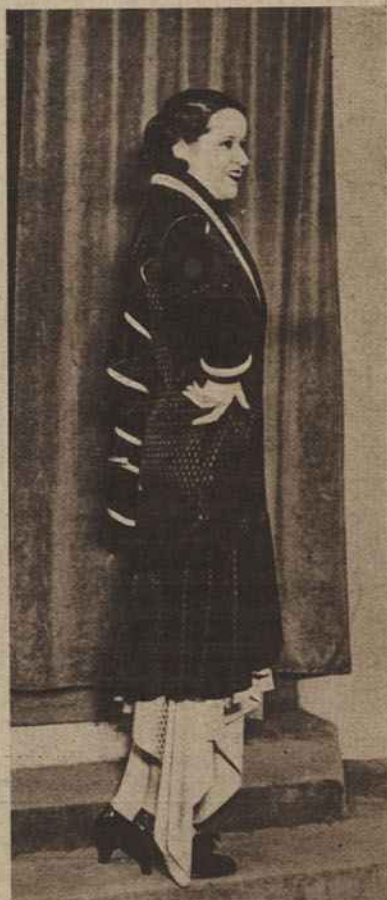


Uma linda cadela com a sua ninhada de... tarcos

A MODA DE PARIS



Melnotte Simonin, um dos mais célebres modistos e desenhadores de modas, estudando os novos figurinos a lançar



À ESQUERDA — O lindíssimo modelo «Nuit Tiede» em crêpe-setim rosa pálido com pintas de rosa mais escuro

EM CIMA — Um complemento do vestido «Nuit Tiede» é o casaco de fantasia «Ciel Noir» em setim preto baço, com pintas brilhantes e forrado e desbrado de rosa no tom do vestido



Um modelo do grande Paquin. O lindo figurino «Garden-Party» em crêpe estampado azul-marinho e branco

À DIREITA — O costureiro Melnotte Simonin apresentando a uma cliente o original vestido e manto «Douce Symphonie»

(Fotos exclusivas de Orrios para «Ilustração»)



UM PINTOR DESAPARECIDO DA ANTIGA GRECIA À ESPANHA DE HOJE

A morte inesperada do grande mestre espanhol Julio Romero de Torres, morte pranteada em toda a Espanha e onde quer que, no mundo, exista um artista digno desse nome, vem colocar em plena luz da oportunidade o brilhante estudo do nosso querido redactor em Madrid, Novais Teixeira, estudo escrito nas vésperas da noticia brutal que, de Córdova, deu como desaparecido do número dos vivos o genial pintor das cordovesas belas e trágicas. A doença de Romero de Torres não podia fazer suspeitar, sequer, da iminência

A SENSUALIDADE NA OBRA DE JULIO RO- MERO DE TORRES, O MESTRE CORDOVEZ

do desenlace. Novais Teixeira, grande amigo do mestre, não deixa transparecer na sua prosa sugestiva, rica, prenhe sempre de conceitos ora subtis ora pessoallssimamente originaes e fortes, qualidades de escritor que o

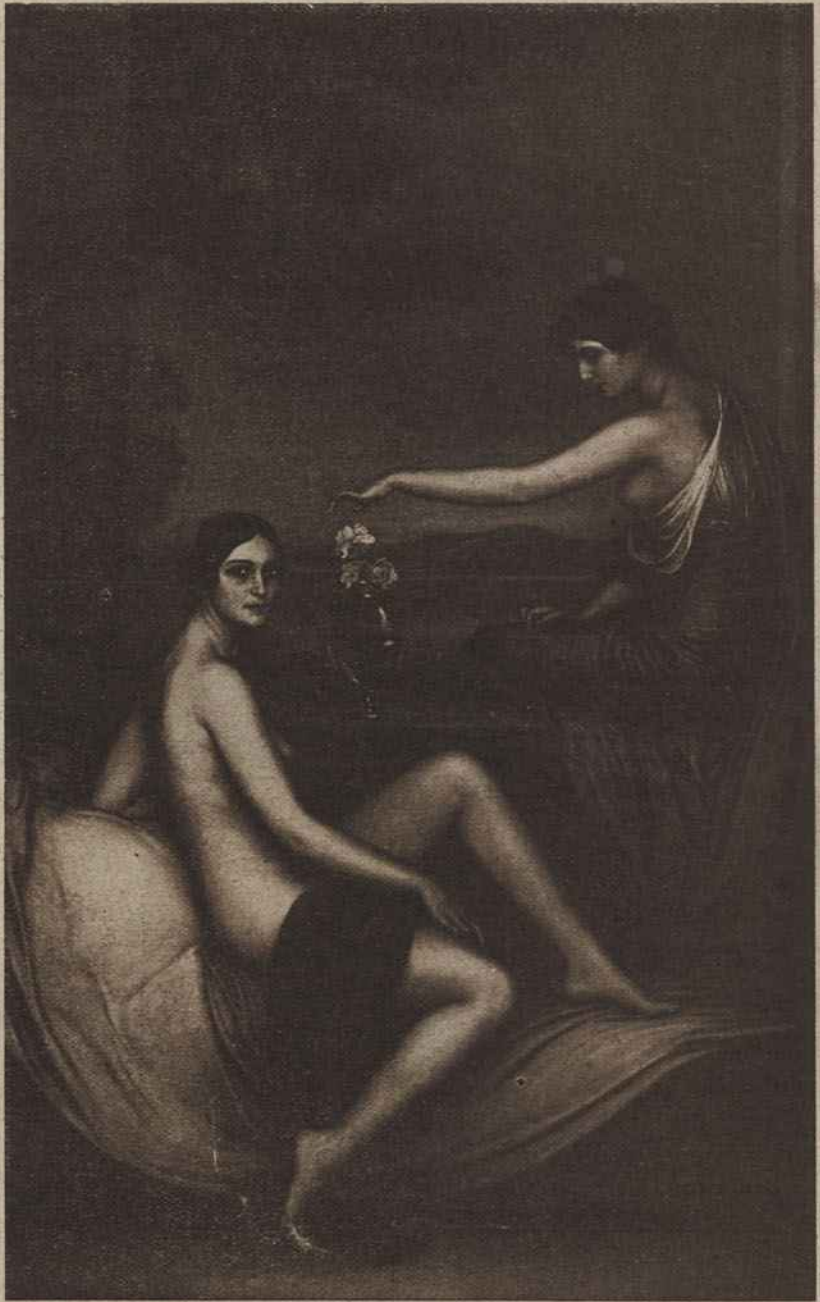
tornam soje um dos mais sólidos e elegantes cronistas do nosso jornalismo literário, qualquer inquietação ou pressentimento da perda irreparável que, dias volvidos, a Espanha e a Arte Mundial iam sofrer. Não quisemos modificar as brilhantes e agudas páginas do nosso amigo forçando-o ao acrescente lúgubre dum necrológio. Desobriga-o a redacção nesta breve nota do dorido dever de lamentar a morte do grande artista, entendendo que a mais sincera e útil das homenagens está no formoso artigo critico que inserimos.



Romero de Torres — A menina da Tanagra

A sensualidade no espanhol, encaminhada para a Arte, é uma fonte que irrompe caudalosa em expressões de beleza. Desde a sensualidade liberta dos pescadores, à contrita dos místicos. De Hurtado de Mendoza a Santa Tereza de Jesus; do imenso D. Francisco de Quevedo y Villegas ao magnífico D. Francisco de Goya y Lucientes.

Os cânones artísticos dos gregos absorvem calor de humanidade em contacto com as convulsões renascentistas. A linha helénica, uniformidade rítmica dos corpos em movimento, vizava apenas a simetria dos membros; só conhecia, do corpo humano, a expressão escultórica. O frizo grego não é mais que uma sucessão de curvas relacionadas entre si por um movimento uniforme. Nas cidades da antiga Grécia, as ameaças da guerra e os perigos do mar exigiam os corpos perfeitos; a finalidade do homem era atingir a beleza do corpo, e o corpo mais bem pro-



Romero de Tórres — O crepúsculo

porcionado inspirava os grandes poetas. Assim, o grego mais belo era o primeiro dos gregos; passava em triunfo pelas estrofas dos poetas e entrava na mitologia. Era um novo Deus.

Clâmides, túnicas, dalmáticas são na Itália, já no período pre-renascentista, roupagens magnificentes; a harmonia da forma amol-

da-se ao delírio da cor, que lhe dá pulsação solene. A emoção da carne começa a agitar os corpos, e a paisagem anima-se e completa-se com a presença dos corpos que vibram. A beleza corpórea já não obedece, como nos gregos, a um mero *objectivo político*; é uma forma de idealidade. As leis da perspectiva, perfeitamente resolvidas, veem solucionar o problema do ambiente. E a solução deste problema acha a incógnita dum outro pro-



Romero de Torres, no seu atelier de Madrid, dias antes de partir para Córdova obrigado pela doença que o havia de vitimar.



Romero de Tórrès — Virgen del Carmen

blema : a respiração. Humaniza-se, assim, o mundo mitológico. O paganismo submete-se ao cristianismo que encontra no catolicismo um amplo sentido civilizador. A arte proclama uma nova dimensão : o espírito. E aquilo a que nos gregos poderíamos chamar *arte standardizada* toma agora, em presença desta nova dimensão, um significado individualista. Leonardo da Vinci, Rafael, Miguel Angelo, Andrea del Sarto, Ticiano e Corregio são simplesmente um grupo de indivíduos. As escolas artísticas já conhecem, enfim, os seus propulsores.

Nos pintores flamengos, a luta psíquica que a Renascença inicia, altera menos a visão realista dos corpos, que se impõem em toda a sua exuberância. A beleza do nú não atinge o grau de idealidade dos pintores italianos. A luz é mais difusa, o clima mais húmido, a paisagem mais densa. O ambiente, saturado de massas translúcidas, não permite uma visão diáfana. Naquela raça laboriosa e sedentária, em que o trabalho, paciente e contínuo, persegue apenas o repouso do espírito, abre-se um campo propício à especulação intelectual, onde falta o ímpeto que idealiza o mundo.

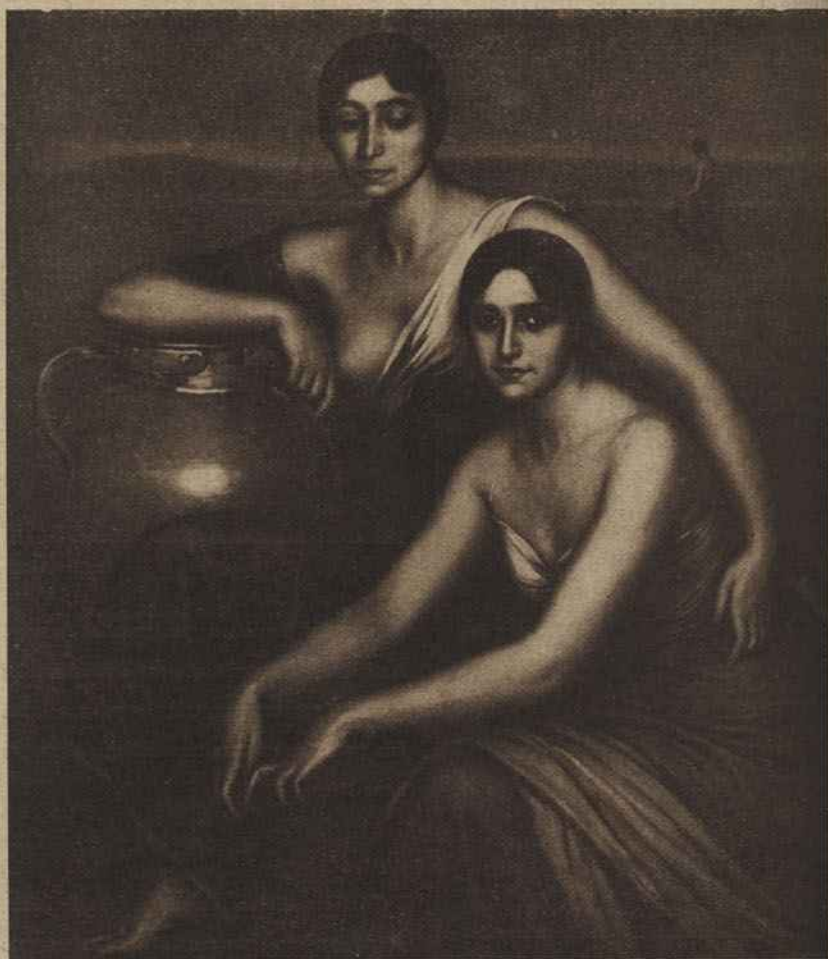
As figuras da Renascença, quando chegam à Espanha, não conservam a serenidade da

sua beleza ideal ; contorcem-se numa erupção de paixões. O ímpeto, na raça espanhola, é indomável e explosivo. A sensualidade, exaltada em delírio erótico, toma a expressão bárbara de «La Celestina» ; convertida em delírio religioso, dá-nos Santa Tereza de Jesus. Fray Luís de Granada é outro dos artistas espanhóis que não sabe rezar sem sofrer as torturas do flagelo. A oração, neste povo, não é nunca aquele doce remanso que conforta as almas. Fogueira de almas, grandiosa e sublime, é toda a tradição castelhana. Da sede de Deus, tortura constante que nunca se aplaca, surgiram os Irmãos de Zurbarán,

que não são deste mundo. Da sede de Deus, toda a tragédia do Greco. Da sede de Deus, essa estranha difusão de fé e ímpeto selvagem, que é a obra de Ribera. E sobre a sensualidade do Greco, posso-lhes dar um

exemplo flagrantíssimo : eu conheci um poeta religioso, convertido, que chegou a crer em Deus por um processo meramente intelectual, homem de imaginação doentia e a quem se atribuíam certas anomalias sexuais, para quem o Greco era uma fonte de inspiração inexgotável ; a exaltação religiosa do autor do *Entérro do Conde de Orgaz*, o seu colorido amargurado, as suas figuras retorcidas e alongadas produziam no nosso poeta sensações lúbricas e diabólicas. O Greco era uma tremenda e dolorosa obsessão ! Um purgatório imenso que absorvia os vermes da carne pecadora e pervertida !...

Na Espanha de hoje, o incompreendido e caluniado D. Miguel de Unamuno, a quem a sensibilidade portuguesa deve uma interpretação apaixonada e carinhosa, das mais compreensivas e exactas que se conhecem entre



Romero de Tórrès — Ruth e Noémia



O atelier do mestre, em Madrid, tal como lhe o deixou quando partiu para a sua «Corolola la Sultana», onde morreu

os seus panegiristas estrangeiros, é outro caso claro de exaltação religiosa. Toda a sua obra é uma sede de Deus que não se apaga nunca. Em Manuel de Falla, temos um exemplo de sensualidade reprimida; a sua música é muitas vezes a expressão voluptuosa duma tragédia estranha... E que são os *esperpentos* de Valle-Inclán senão tragédias vivas de sensualismo popular em plena ebulição?

Para chegarmos a bem interpretar a arte de Julio Romero de Torres precisávamos de este introito. Na pintura do artista cordovês a sensualidade racial ressalta com insinuante delicadeza. É como um rio que mana caudaloso dos seus mús e se funde na harmonia dos seus fundos elegíacos. Começa em grito e termina em oração. É tal o poder de orar na arte sugestiva do grande pintor andaluz que os seus corpos afogados em doce voluptua, contaminados de intensa sensualidade, ganham a elevada dignificação de símbolos e espargem-se, rítmicos e sublimes, pelo ambiente religioso que os rodeia. O desejo cessa ante o prazer da contemplação.

Verdade seja que esta simbologia para a qual tende o pincel de Romero de Torres nem sempre consegue realizar-se. Há fortes

impulsos atávicos difíceis de dominar. E, assim, nalgumas das suas mulheres que lhe quis fazer santas, assoma apenas um desejo frustrado. O artista converte-as, sem grande luta psíquica, em deliciosas fêmeas, cuja estilização observa todos os pormenores que possam impressionar os nossos sentidos. Os seus modelos ajustam-se à expressão dum certo ideal de beleza por ele criado e que exerceu uma sugestão colectiva tão profunda que ainda hoje é frequente encontrar a mulher espanhola que compõe o tipo à sua imagem e semelhança.

NOVAIS TEIXEIRA.



Romero de Torres — Laranjas e limões

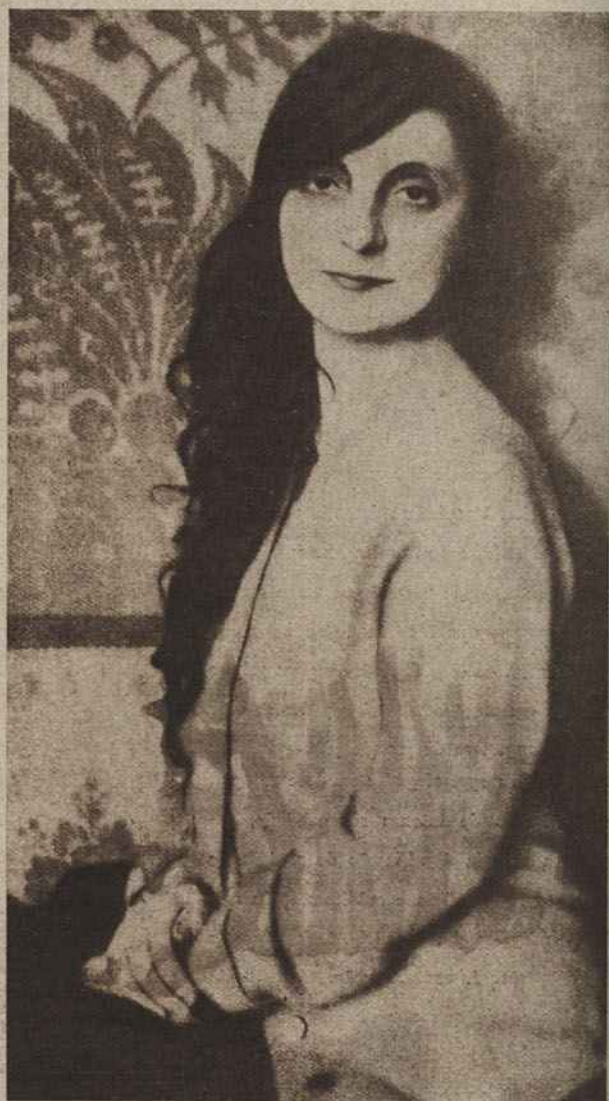


A pintora Maria Laurencin

A DIREITA: — A condessa Mathieu de Noailles, grande poetisa francesa

A TRAGÉDIA E A EPOPEIA DO FEMINISMO

os cruzados massacravam os mussulmanos em nome de Deus e da civilização, os senhores feudais, antes de abalarem para essas expedições piedosas, fechavam a cadeado os férreos cintos de castidade das castelãs. E as pobres donas viviam anos seguidos sujeitas ao estravagante suplício, consoladas apenas pelas doces falas dos pagens loiros, que se enroscavam a seus pés, como os tótos felpudos do nosso tempo. Mas, nas infundáveis noites passadas, a sós, nas alcovas tristes, elas tinham sonhos de encantamento, durante os quais se viam, invariavelmente, raptadas pelos mais airosos e destemidos cavaleiros. Assim pecavam as mártires. O fruto proibido foi sempre o mais gulosamente desejado...



Outrora as aspirações supremas da mulher, antes do limineu, eram: ser bonita, ser elegante e poder entregar-se às delícias da preguiça. As mães, a-pesar de lacrimojarem, habitualmente, à simples evocação das tiranias maritais, não deixavam de embonecar as filhas púberes como engôdo casamenteiro. Em vez de as prepararem para a vida prática, matriculavam-nas em colégios afidalgados para que elas se diplomassem na arte insípida de bordar a missanga e conhecessem os mais subtis segredos do croché. Além destas prendas, consideradas excelsas, as meninas mais abastadas sabiam gemer no piano a dolorosa *Prêre d'une vierge* e valsar desenvoltamente a três tempos, a-pesar das moissas cutâneas que lhes faziam às vezes as arestas do espartilho.

A instrução literária era considerada pela mulher como uma futilidade masculina, tão inocente e tão inútil como a aplicação de vaporosas rendas de Malines nas camisas de dormir das vestais. Nem mesmo a gramática — tão útil para a explicação gráfica dos arroubos sentimentais — lhe inspirava simpatia. As cartas de namôro das meninas românticas doutros tempos, incliniam, além dos trevos de quatro folhas e das violetas mumificadas, preciosas colecções de erros de ortografia... As que escreviam com um certo apuro, eram tidas como presunçosas e levianas, capazes de tôdas as infidelidades.

O homem é o animal menos perspicaz e mais caturra da criação. As responsabilidades da cristalização intelectual das filhas de Eva pertencem-lhe quasi integralmente. E as culpas da irresistível *coquetlerie* com que elas, desde os tempos arcaicos do paraizo terrestre, se entretem a tresloucar o pretenso sexo forte, cabem-lhe também inteirinhas. O homem é um monstro, naturalmente egoista, ciumento e autoritário. Os seus zelos amorosos — construídos muitas vezes à tóa como os castelos de cartas e o casario moderno de Lisboa — impeliram-no sempre a escravizar a mulher. Em plena idade média, quando



Uma delegada dum soviet aldeão pronunciando um discurso, em Moscovia, no Congresso das Mulheres Sovietistas

A conquista da mulher foi sempre para o homem interesseiro e astuto, uma espécie de busca de botequim, um jogo de negações, em que os parceiros perdem às vezes um az para ganharem a dama que lhes falta. Antes do casamento, no período paradisíaco do namoro, cada uma das palavras boquejadas pelos galãs aos ouvidos das suas ingénuas dulcineias, é doce como um favo de mel ou como uma fatia de toucinho do céu. Os juramentos de amor eterno, de obediência incondicional e risonha, de convívio ininterrupto, são feitos por ele de joelho em terra e de lágrima ao canto do olho. Os seus gestos são flexíveis e delicados como o cabecear de uma roseira tenra embalada por uma brisa tímida. Se elas amam, os aldrões agatamham-se, desatam aos ais, asseguram que vão suicidar-se e isto com a mesma coragem com que um cavalheiro sequioso diz que vai tomar um copo de água fresca. Não há bel-

dade que resista, evidentemente, a tanta devoção, a tanto assúcar verbal, a tão harmoniosas choradeiras...

Mas, após o casamento, o homem muda de rumo, com a inconstância proverbial do cativeiro, torna-se imediatamente amnésico... O seu rosário de gentilezas cavalheirescas, de ternas juras de amor, é metido na gaveta bafenta das recordações pouco decorativas, junto do primeiro babero que ele usou. A mulher desce dos espaços etéreos, onde volitam os anjos, à categoria zoológica dos animais domésticos, como os bichanos e os papagaios de penas verdes... Adeus, saraus desenvolvidos nimbados pela poesia inigualável dos *flirts* ocasionais! Adeus, beijos sófregos apanhados em série vertiginosa nos caramanchões do jardim familiar! Adeus, digressões gostosas, com as amigas palmeiras e namoradoras, pelos grandes armazens e pelas casas de chá! A mulher casada passa — como regra geral — a viver na sua prisão, mais ou menos doirada, no claustro miniatral que é o seu lar. O homem, valdevinos, andarilho, opinativo, em rodaviva pelos cafés, pelas esquinas das ruas e atrás das fraldas transparentes das messalinas... E a cara-metade em casa, a costurar a roupa dos bebés ou a fazer paciências com as cartas, diante do bule de chá e das torradas, até que S. Ex.^{sa}, de madrugada, regressa das estroinices...

Ponham no passado esta formidanda catinilaria anti-masculina — digna confissão dos meus defeitos, que deve obter a aprovação de todas as minhas martirizadas leitoras — e terão na sua presença um quadro sintético mas realista da vida feminina antes da grande guerra. É claro que me refiro ao meu rojaneiro e adorável Portugal, país onde os varões, mesmo os de fina estirpe, se mantêm agarrados, como as encarniçadas carraças, aos mais despóticos costumes mussulmanos. Nas outras regiões civilizadas do globo, naquelas que não têm, como a nossa, o privilégio indisputável de possuírem 70% de analfabetos, a mulher deixou há muitas décadas de ser um manequim, um autómato caseiro, um móvel mais ou menos luxuoso, como o foram, beneditinamente, as nossas avós na época das sáias de balão e as nossas tias nos tempos não muito longínquos dos carapichos caloríferos. Mas, mesmo nesses países avançados, que pelejas bravias foram obrigadas a travar as frágeis e amáveis filhas de Eva para poderem fazer uso do cérebro, para deixarem de ser vulgares flores de estufa, para atenuarem os preconceitos de uma sociedade que acredita nas almas do outro mundo mas duvida da capacidade intelectual da mulher!



Uma militante actual: M.^{me} Suzanne Schreiber, vicepresidente do grupo de Paris da União Francesa para o Sufrágio das Mulheres



Collette, a celeberrima romancista da «Cláudia»

Ainda há poucos anos, na nebulosa Inglaterra, que tem fama de ser o país mais liberal do mundo, as denodadas sufragistas eram corridas a sopapos pelos mastodontes policiais, sempre que desciam às ruas, com bandeirinhas e fanfarras, a reclamar o direito de voto para a gente do seu sexo. Miss Pankhurst, a feia generala desse exército gritante, tinha no corpo, quando subiu ao céu para continuar, entre os bem-aventurados, o seu proselitismo feminista, mais de trezentas equimoses artísticas produzidas ao acaso pelos chanfalhos dos mantenedores da ordem. A sua criada de quarto, minha regente e prodigiosa colega nas letras, afirma, num espalhado livro de memórias, que o peito e o dorso da miss heróica e virginal, pareciam tatuados como a pele dos marujos que frequentam as cafurnas dos portos. Não há nada como a poeira do tempo para reabilitar e beatificar os mártires, os peregrinos das idéas generosas. Miss Pankhurst, outrora amaldiçoada como iconoclasta, tem hoje uma estátua num dos mais poéticos parques londrinos, uma estátua severa que lhe dá certos ares de pretor romano...

O homem intimidava, entorpecía, automatizava a mulher, encafunando-a em casa e impondo-lhe os seus apetites e idéas. As leis, mesmo as dos países mais democráticos, chancelavam todos os seus abusos e desconchavos. A própria igreja, que devia velar sempre pela intangibilidade dos seres imbeles, como as avesinhas implumes e as assustadiças filhas de



VMA ESCOLA DE PENTEADOS EM PSIPING. — As ráparigas adoptaram a moda dos cabelos curtos mas não admitem que os homens lhes toquem. Por esse motivo foram criadas escolas especiais onde as mulheres aprendem a arte de pentear

Hva, concedia e concede aos homens casados poderes discretionários. «O marido deve protecção à esposa e esta deve obediência ao marido» — eis o preceito dogmático que o amável catolicismo oferece, como um maná, às sonhadoras douzelas que santificam as suas núpcias de olhos postos nos altares floridos dos templos. Bastava a chocante palavra pro-



As mulheres oficiais do exército chinês

tecção para notificar à mulher a superioridade física e social do homem, para lhe fazer compreender que, no casal, ela tem de ser o elemento subalterno e transigente, o mata-borrão de todos os caprichos do seu senhor. Mas, para

impedir as interpretações equívocas, para ser clara como as tábuas de Moisés, a igreja católica íntima a esposa, sem enfusismos, a submeter-se à vontade do marido. Os teólogos entendem, pelo visto, que a cabeça da mulher é desmiolada como as cabacas e só tem a prestança restrita dos cabides de chapéus...

A tirania, quando é contínua, possui o poder estupefaciente da morfina e de outros alcaloides similares. Só depois de muitos séculos de escravidação, a mulher despertou do letargo e rompeu as algemas que deformavam a sua personalidade. Mas, para que ela exigisse a sua carta de alforria completa, foi preciso que as circunstâncias se incumbissem de provar-lhe que era capaz de substituir o homem nas suas mil e uma ocupações profissionais. Mesmo as pessoas que, como nós, gostam de contrariar as opiniões correntes, não se atrevem a bendizer a grande guerra — tão macabras são as recordações desse formidável cataclismo. Mas ninguém pode negar a sua eficiência no campo social, ninguém deixa de reconhecer que ela vassourou à larga as teias de aranha cerebrais dos psicólogos que examinam, em chimeias, entre duas pitadas de rapé, a complexa alma humana. Chamados aos campos de batalha pelos clarins patrióticos, os homens abandonaram as suas fainas habituais. Houve sábios gloriosos, desses que julgam poder regular a marcha dos acontecimentos pelas tábuas de logaritmos, que se alarmaram. «Os homens são imprescindíveis; ergo — opinavam os teóricos proféticos — o maravilhoso equilíbrio da máquina social não pode manter-se e a humanidade vai tombar no caos».

As mulheres evitaram-nos o horror dessa escorregadela catastrófica. As fábricas, os estabelecimentos, os laboratórios, os hospitais, os caminhos de ferro, continuaram a funcionar. A terra, magnánima e fecunda, não deixou de produzir o trigo loiro. Os frutos, maduros e deleitosos, foram colhidos carinhosamente. Nunca faltou o pão, ao homem, nem a roupa, nem as munições para vencer o inimigo, nem as mágicas palavras de incitamento e de consólo... As mulheres, tidas como insignificantes, como inertes, como apoucadas de entendimento, adaptaram-se a todos os misteres masculinos, asseguraram a actividade económica ameaçada, deram os mais espantosos exemplos de energia, de coragem e de civismo. Não se limitaram a substituir, nos trabalhos intelectuais e manuais, os homens — os inegualáveis, os omniscientes, os privilegiados homens!

Não se restringiram a lutar pela vida com o ímpeto e a gallardia de todos os heróis! Tiveram ainda força, coração e tempo para cuidar da prole miuda, para mimar os pais inválidos, para insuflar esperança e firmeza e pundonor na alma, por vezes abatida, dos seus maridos, dos seus filhos, dos seus irmãos, escravos das trincheiras! Que nobre e desenvolva lição de desinteresse, de estoicismo, de perseverança, de energia, deram elas aos seus detractores, aos pataratas que as apontavam como símbolos da suprema passividade!

A lição foi magistral, os factos esmagadores. Os homens, surpreendidos, curvaram-se perante a evidência. As mulheres dignificaram-se, ascenderam socialmente ao lugar que lhes pertencia. Não há profissão que não lhes seja facultada, que elas não exerçam com acerto, com alegria e com amor-próprio. Em muitos países civilizados são-lhe reconhecidos, inclusivamente, os mais amplos direitos políticos. O feminismo triunfou em toda a linha. Triunfou por haver adoptado a tactica dos mais ousados revolucionários: a propaganda pelo facto... As mulheres continuam a querer ser bonitas, elegantes e amadas, como outrora. Mas têm uma nova e frenética ambição: estarem aptas a ganhar a vida, serem completamente independentes. Homens, meus deslavados irmãos nos instintos e nos defeitos — raciocinai, ajudai-as a realizar os seus intentos! Se não podeis agir assim por vos faltar o espírito de justiça, podeis e deveis agir ao menos por espírito de economia...

VITOR FALCÃO.

EM BAIXO. — Outrora Mrs. Pankhurst, a célebre sufragista inglesa, era maltratada pela policia. Hoje levantam-lhe uma estátua numa das praças de Londres.



A LENDA DO MONTE DE S. MIGUEL

Antes, muito antes de Santo Auberto ter empreendido por ordem divina a construção da abadia de São Miguel, naquele rochedo áspero da costa normanda que os mares altos isolam da praia e onde os canteiros lavrantes de cinco séculos acumularam as mais preciosas joias da arte gótica, o Arcanjo habi-



tava o Monte. Como isto foi não reza a lenda.

Certo é, porém, que o celeste executor das altas justiças do Todo Poderoso habitava o mundo e nele vivia sujeito a contingências como qualquer filho da miséria humana.

Um decreto divino dera-lhe por menagem aquela ilha sáfara onde por sustento apenas o arcanjo poderia colhêr algum marisco das rochas ou algum peixe das ondas.

Em frente daquela triste guarda avançada do mundo estendia-se o recorte da praia normanda e, para além d'êle, a verdura dos soitos virgens e a mancha doirada dos juncaes floridos.

Dias e noites levava o Arcanjo a scismar na escassez do seu domínio e a ver com olhos de cubiça a terra fronteira vasta e pingue.

Era-lhe, porém, defeso aproximá-la ou tocar com os seus dentes puros os frutos de maldição.

Da terra firme era dono Satanaz.

Bastas vezes o Anjo via de longe o maldito acalentando a preguiça estendido ao sol, mas-

carrando vilmente a brancura do areal imposito. Via-o e invejava-lhe as geiras sem amanho, roídas de gramas e escarunchos, gafas de junças daninhas, inúteis e sáfaras implorando a benção de um esforço, a graça lustral duma surriba, a dádiva generosa duma semente.

Satanaz, de longe, também invejava o domínio do Arcanjo. No rochedo chovia algumas vezes e outras a ressaca das ondas enchia de frescura aquelas pedras rudes.

O seu costado negro tismado pela chama interior que não morre nunca, sonhava as delicias dum aguaceiro, a sua guela em braza pedia o rescaldo dum mergulho.

Anos se passaram. O Anjo a cubiçar a terra, o Diabo a desejar a chuva.

Um dia, consultado o arcano divino, Miguel resolveu-se a parlamentar com o Réprobo.

Desceu da sua rocha, chegou ao mar e mandou as ondas que se arredassem e lhe

abrissem caminho enxuto para a Terra do Diabo.

Satanaz viu o milagre e esperou. O Anjo aproximou-se e conversaram.



— Quero que me dês a tua terra.

— E eu quero a tua água.

— Para que te serve a minha água se o fogo está contigo?

— E a minha terra para que te serve?

— Para que dê pão e sustente os homens.

— Isso agrada-me em parte. Os homens fartos pecam mais, mas sem uma parte da tua água não terás a minha terra.

E assim conversaram longamente. Estabeleceu-se por fim um acôrdo. O Diabo refrescar-se-ia com a chuva que descesse sobre os campos do Anjo, a terra seria cultivada por Miguel e Satanaz teria direito a pedir para si a parte da colheita que lhe conviesse.

Voltou o Arcanjo para o cerro e ficou o Diabo na terra firme.

No dia seguinte desceram do alto legiões celestes de cavadores e num ápice foi revolvida a charneca, semeado o terreno e abertos



regos para darem vazão às chuvas em excesso.

Então o Diabo, malicioso e ruim, tornou a falar com o Anjo. Levou-o a um cômodo,

— Uma vez que me ofereces a escolha quero para mim o fruto que ficar acima da terra,

— Seja, disse o Anjo e voltou para a sua ilha.

Diabo nunca mais refrescou o lombo negro.

Um dia, foi êle em pessoa procurar o Anjo. Chegado ao mar comandou as ondas mas o mar não lhe obedeceu. Do alto das fragas o Anjo viu tudo. Teve dó dêle e mandou ao mar que se abrisse. O mar, de má vontade, obedeceu.

Chegado à ilha o Diabo falou :

— O ano passado enganaste-me e eu não devia tornar a oferecer-te o amanhã da minha terra mas, como tenho saúdaes da tua água, venho propôr-te novo negócio.

— Aceito e como então te digo : dize o que queres e eu to darei integralmente. Eu não quero a tua perca.

Escaldado da primeira lição, o Diabo não hesitou e pediu para si o que ficasse debaixo da terra.

Voltaram os anjos. Amanhou-se o campo. Com o mês de Março voltou a verdura e com o estio a colheita.

Duzentos ceifeiros desceram ao campo de Miguel e os celeiros do Monte ficaram a trasbordar.

O Anjo tinha semeado trigo.

E, desde então, nunca mais na terra normanda nem algures, o Diabo se meteu a lavrador.

Esta é a lenda do Monte de São Miguel.

CASTELO DE MORAIS.

(Desenhos de Rocha Pereira)

porque foi sempre costume dêle falar de alto e perguntou-lhe, apontando a sementeira :

— Que parte da colheita queres tu para ti, meu rendeiro, a que estiver acima da terra ou a que ficar debaixo?

Mansamente o Arcanjo lhe respondeu :

— Como Senhor da terra tu dirás a que preferes.

Com os olhos a fuzilarem relâmpagos, Satanaz escolheu.

Dobaram semanas. As leiras cobriram-se de verduras que foram alastrando, alastrando, até se cobrirem de milhares de flores roxas.

O Diabo, sarcástico e ruim, passava horas rodeando campo, à espera do fruto. As flores entraram, porém, de murchar e a verdura foi amarelecendo. Satanaz andava pensativo. Que teria semeado o Anjo? Que planta era aquela que não dava fruto?

Certa madrugada, porém, acordou o Diabo ao ruído de enxadas que revolviam a terra. Duzentos obreiros celestes revolviam o agro e sob o aço das enxadas surgiam umas bolas doiradas que outros anjos empilhavam em cestos para o monte pelo caminho novamente aberto pelas ondas.

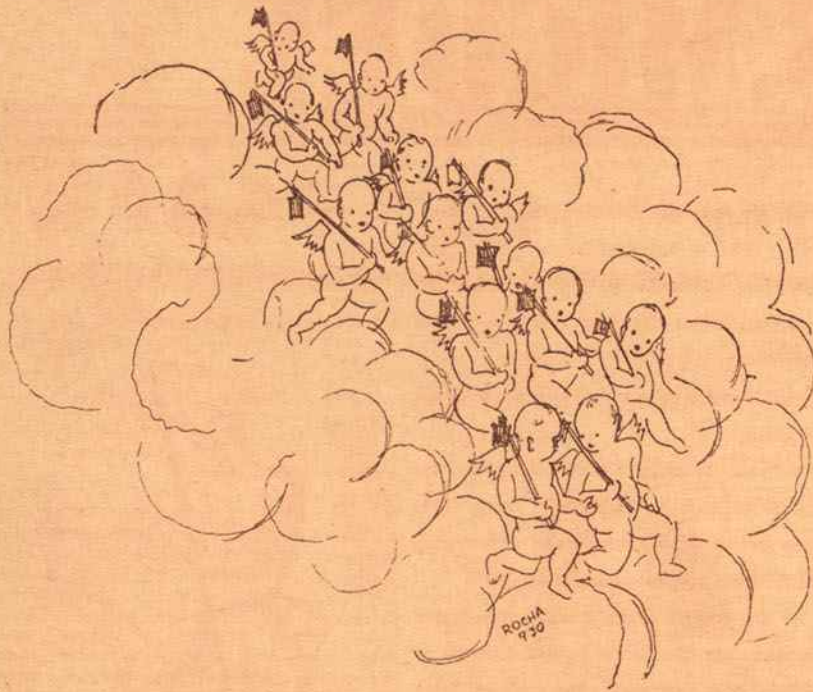
Rugindo, o Diabo protestou.

Mansamente, como da outra vez, o Anjo lembrou :

— Quiseste o que estava acima da terra, é teu. Guarda essas ramas. Eu não as quero.

O Anjo tinha semeado batatas!...

Cessou a colheita, pararam as chuvas e o





POR UMA LUMINOSA TARDE DE MAIO—A PÁTRIA AGRADECIDA NO PEDESTAL DA ESTATUA — QUEM ERA O POETA — A INTERFERÊNCIA DE UMA FILARMÓNICA — CALVAS SOLENES — PANCADINHAS NA PEDRA — FRAGMENTOS DE DISCURSOS—PEDRA SOBRE O ASSUNTO

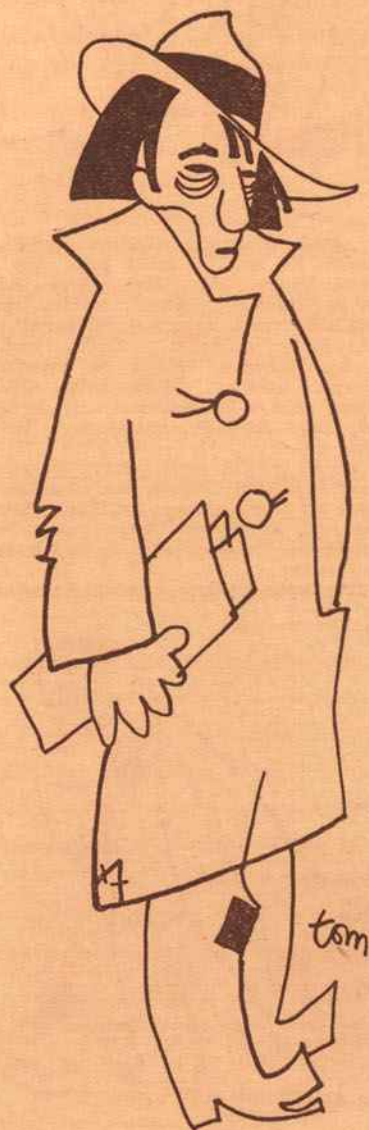
Era uma tarde luminosa de Maio—uma tarde de romance suave à maneira de Júlio Dinis. O sol espargia sobre as pessoas e as coisas uma poalha dourada. O céu, lá no alto, muito azul, não apresentava sequer uma daquelas nuvens levíssimas, diafnas que a briza meiga brandamente impele como as imagens sedutoras dos sonhos ao impulso da mocidade. E no jardim público, ensombrado de arvoredo frondoso, o perfume das flores, errando na atmosfera tépida, estonteava.

No local onde mais tarde, em data indeterminada, que se perdia em um futuro nebuloso, se ergueria o monumento ao poeta, cuja *maquette* estivera pouco tempo antes exposta na Sociedade de Belas Artes, já se encontravam, graves, circunspectos, alguns membros da comissão organizadora da homenagem, espalmados no *frack* negro e entalados nos colarinhos de goma. Ali naquele recanto mais sombrio, mais recolhido do jardim, a imagem do poeta, que cantava a solidão, a tristeza e o abandono, ficaria bem, a máscara de bronze scismática perguntando talvez porque não tirariam dali, do pedestal onde ajoelhara, a figura da Pátria enlevada e agradecida.

Em vida nunca o poeta António de Melo fôra alvo de tantas deferências e a Pátria conservara-se sempre alheia aos seus sofrimentos e misérias. Agora, depois de morto, o inspirado escultor que modelara a sua estátua atirava-lhe aos pés uma figura de mulher desgrenhada simbolizando a nação, que não lhe compreendia os versos e lhe ignorava o génio.

O poeta genial fôra, antes da imortalidade, isto é, durante a sua curta e miserável existência, um ente insignificante, modesto, nunca vislumbrando a gloriola fácil da citação do seu nome na primeira página dos jornais. Quando os seus livros de poemas surgiam, os livreiros expunham a mão alguns exemplares nas montras, exemplares que se enchiam de poeira sem que o público se atrevesse a folheá-los, e a crítica literária, sempre apressada em soprar em suas trombetas da fama as mediocridades de poetas enluados ou de prosadores que substituem o talento por malabarismos de palavras, chegava a esquecer-se de lhe dedicar, ao menos, umas linhas de favor.

António de Melo, que faleceu tuberculoso como qualquer poeta, era considerado nos meios intelectuais onde se fazem e desfazem reputações com a mesma facilidade com que



se enrola e fuma um cigarro de onça, «um pobre diabo com talento».

Para ganhar o pão de cada dia trabalhava na revisão dos jornais durante toda a noite, a lâmpada eléctrica banhando de luz cegante as provas sujas de artiguinhos pífios, cuja sintaxe ele emendava e refundia para não comprometer publicamente os grandes articulistas, e, pela tarde, depois de digerida a única refeição quotidiana (o ordenado não dava para mais), alinhava no silêncio do seu quarto soturno da Rua da Rosa verso sobre verso, repassados de amargura e desilusão.

Era um falhado. As botas cambadas, a cabeleira comprida, mais por economia do que por pedantismo artístico, o fato roto, o sobretudo coçado, que o penhorista já não aceitava em ocasiões de apêto, António de Melo tinha realmente todo o aspecto do falhado.

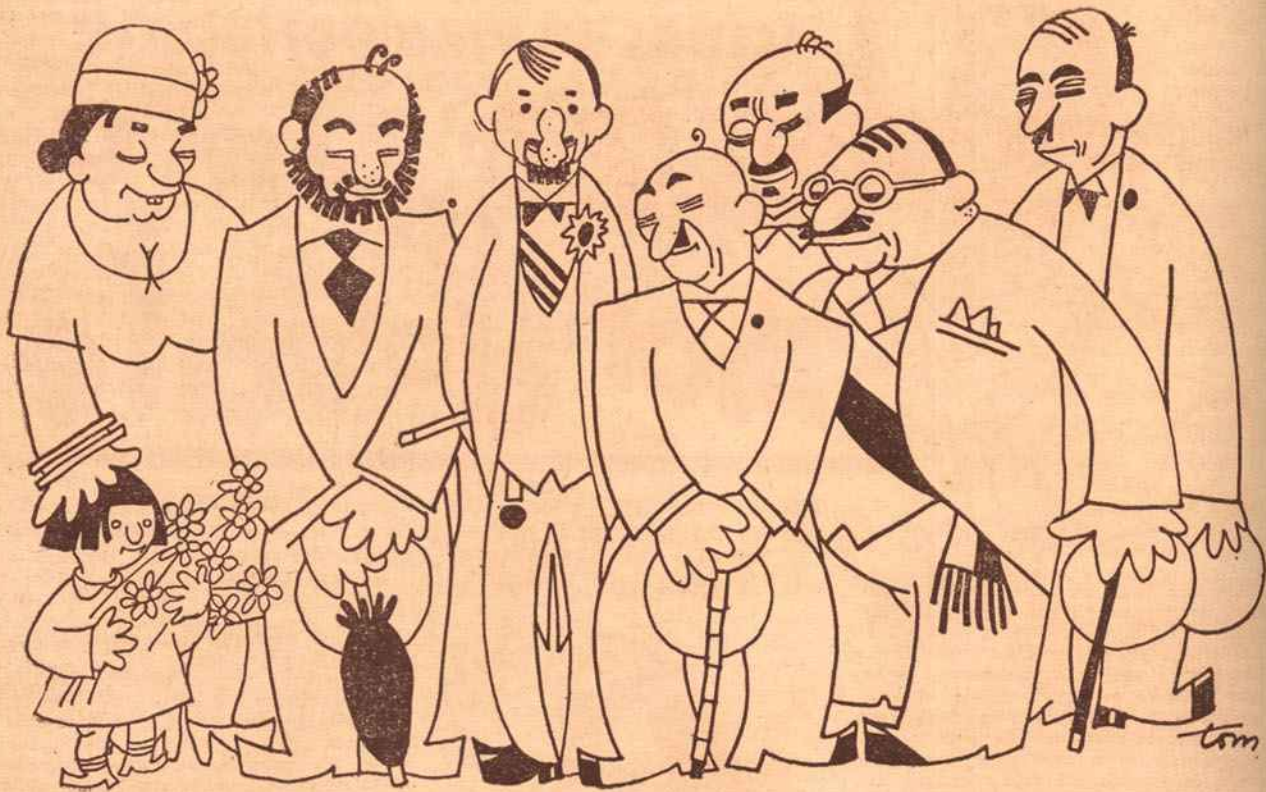
Era um visionário. Sonhando sociedades ideais, todas harmonia, fraternidade e justiça, em que os homens caminhavam de mãos dadas entre a abundância, como namorados entre flores, António de Melo, cantando essas quimeras em seus versos admiráveis, não passava, com efeito, de um reles visionário.

Era, como se diz em linguagem popular, um «trouxa». Mostrando a maior indiferença pelos bons negócios, nem sempre lícitos é certo, que lhe propunham às vezes, e que lhe trariam a prosperidade e o sossêgo, António de Melo, ficara, efectivamente, até à hora da morte, um autêntico «trouxa».

Era um doido. O Ramires, seu admirador, possuía uma grande fortuna e uma filha formosíssima. Aninhas, muito estouvada, cometeria certas levandades com um namorado sem escrúpulos que lhe voltara as costas, deixando-a em situação embaraçosa. Ramires, boa alma, coitado (lá estava na comissão de homenagem), falou ao poeta. Sim, António de Melo poderia casar com a pequena tornando-se rapidamente pai estremoso, esposo amantíssimo e herdeiro de uma riqueza enorme. O poeta recusou. Era um doido...

E, além de tuberculoso, doido morreu.

Uma hora depois da prefixa já no local onde solenemente se lançaria a primeira pedra do monumento se aglomerava uma multidão espessa e heterogénia: elementos oficiais encasacados, representantes de várias



instituições de benemerência com fachas multicolores e pendões berrantes, estudantes enroupados de negro e petizada garrula das escolas, o sr. Ramires, presidente da Comissão, e muitos membros de outras comissões e sub-comissões cofiando bigodes empastados de pomada, bandas de música e galegos do «barquillero». Na atmosfera morna pairava um «brouhaha» confuso a que algumas notas roucas de trombone em afinção emprestavam certo ambiente de arraial saioio.

Enfim, a Filarmónica Incrível Concentração Musical 28 de Setembro de 1643, como ninguém se decidisse a saír da pasmaceira insípida, rompeu com um hino vibrante, que tinha muito de «malagueña» remexida e pouco de cântico heróico, e os pequenos das escolas, logo repreendidos por mestras ríspidas e gordas, ensaiavam ao de leve alguns passos de dança.

Entretanto, um cavalheiro barrigudo e enfiado, aproximava-se cauteloso da terra revolvida, não manchasse o verniz dos sapatos, empunhando um martelinho ligeiro e penetrando em uma cova, martelou na pedra branca que se via lá no fundo.

Houve palmas entusiásticas e vivas ao morto.

A uma tribuna que perto se erguia, construída em madeira tósca e mal coberta de panos multicolores, assomaram algumas calvas solénes. A mais polida e luzidia era a do sr. Ramires, que trazia um papel na mão e apurava repetidas vezes a garganta, como se quisesse dizer: «Vou falar». E falou.

Produziu (como é de uso escrever-se agora) um discurso famoso que poucas pessoas tiveram a felicidade de ouvir na íntegra. Mas por uma ou outra frase que chegava mal distinta aos ouvidos dos circunstantes percebeu-se que Ramires era um grande orador. Citemos pedaços:

«...glória nacional... Formoso espírito... António de Melo, o genial poeta, que o mundo inteiro... Mas... Sim, porque... Afinal de contas... Colossal!... Métrica rigorosa... Estupendo engenho... Sempre admirado, desde... primeiras produções... Sim... Eu... Encantador... Magia da palavra... Exponente máximo... Muito amigo dele... Nunca passou necessidades... A doença traiçoera... Por todos acarinhado... Tenho dito».

Não era possível ouvir palavra por palavra o formidável discurso, mas estas frases soltas tombavam sobre a multidão embebecida como folhas maravilhosas que se desprendessem dos ramos altos de uma árvore do Paraíso.

Teve depois a palavra o cavalheiro impor-

tante que martelara, momentos antes, na pedrinha do monumento. Sua Excelência afirmou calorosamente que actos como aquele não podiam passar despercebidos aos poderes públicos, e que a vida dos poetas, verdadeiros arautos da nação, sempre merecera — áqueles poderes públicos — acrisolado amor e carinho. Evocou a vida radiosa do grande vate e apontou-a às criancinhas como nobre exemplo a seguir. António de Melo cantara o Bem, a Beleza e Justiça. Os seus poemas eram um evangelho formosíssimo que serviria para formar a consciência infantil. A muita admiração que sempre tivera pelo talento do poeta enquanto fóra vivo, transformara-se, agora que seu corpo repousava na campa fria e seu espírito mortal ali o estaria escutando decerto com prazer, em veneração profunda e sincera que se sente por um santo. Santo António... de Melo deveria chamar-se ao poeta, em face da sua obra de beleza e de bondade!

A Filarmónica Incrível Concentração Musical 28 de Setembro de 1643 — da era de Cristo, bem entendido — atacou novamente o hino, reboaram outros vivas ao morto, os pequenos riram alegres e bateram palmas, a roleta do «barquillero» rolou mais célere e, finda a solenidade, a multidão foi dispersando, como de costume, em boa ordem.

Passaram-se estes contecimentos notáveis, de que damos sucinta nota, há uns bons quinze anos, e até hoje ainda não rezaram as crónicas que o monumento do poeta tivesse deixado de ser apenas uma vaga pedra onde um sujeito bem parecido dera umas pancadas solénes. Nunca mais sequer se falou da pedra, e do vate muito menos. E com isto resolvemos também pôr pedra sobre o assunto.



a estatua ôca

EPISÓDIO INÉDITO DA ESTADA EM PORTUGAL DO ILUSIONISTA BOJERSON (1)

pelo REPORTER X

CAPÍTULO I

...ONDE O SR. MARQUÊS DE MANTELO PEDE AO ILUSIONISTA BOJERSON O ATAQUE DO THIBET

Terminado o número e despejados os bolsos labirínticos da sua casaca—verdadeiro armazém de segredos—Bojerson despedira os seus ajudantes e em camisola, sentara-se, bufando fadigas, frente à mesa da caracterização. Revia, orgulhoso, no pequeno espelho, a bigodeira ruiva de longas guias e o vermelhão sádico das bochechas, virgens de tinta, e que o suor de uma hora de trabalho violento, envernizava, dando-lhe brilhos de barro novo.

Bojerson não era um egoísta—pelo contrário. Interessava-lhe a sua própria pessoa só quando sabia e podia agasalhar de venturas as existências alheias. Se as fontes tivessem alma—gemea alegria à da alma de Bojerson seria a da fonte quando visse aproximar-se da sua gárgula uma boca queimada pela sede.

Mas, sem ser egoísta—Bojerson gostava de si... Agradavam ao seu gosto plebeu aquele carão estalante de sangue, aquele bigode quasi escarlata, aqueles olhos pestanudos, aquela trunfa frizada, de barbeiro, aquele arcabouço peludo e forte, de carregador...

Sentia-se simpático e bom—no que era justo; e sentia-se belo e elegante—o que constituía um inofensivo equívoco. E quedava-se assim tôdas as noites, narcizando-se ao espelho, estático e vaidoso, empapando lenços no suor que lhe serpenteava as faces e manchava a camisola, sorrindo-se a si próprio, auto-comentando-se em meia voz—até que o contra-regra viesse avisá-lo que eram horas de partir. E tão acostumado estava já aos resultados da sua demora e ao chamamento do contraregra que, ao ouvir seus dedos tamborilando na porta do camarim—repetiu, como tôdas as noites, a frase sacramental retinindo os r r da sua pronúncia de poliglota de music-hall:

—*Esperrarre um poucachino... Estou a vestirreme.*

E logo a vosita aflautada, eterna e profissionalmente aflitiva do contraregra:

—Não é isso, sr. Bojerson... Não vim chamá-lo... Ainda tem tempo... Era por... por outra coisa...

—*Enton faza o favorre de dizerre...*

Uma hesitação do outro lado da porta—e por fim, num tom empuado:

—É uma visita para o sr. Bojerson...

—Uma visita?

Erguen-se—e foi abrir uma nesga da porta. Ao lado do contra-regra—um quasi liliputiano à força de raquitismo, de faces chupadas e óculos de latão acavalados num

(1) Bojerson, artista dinamarquês, ilusionista de génio, autêntico mago dos chapéus altos, herdeiro miniatral de Nôé, fazendo arcaes zoológicas com baús suspensos ou com caixas de fósforos—foi um ídolo popular, no nosso país, de 1870 a 1900—sobretudo no Porto, onde trabalhou temporadas seguidas, no Palácio de Cristal. Era, na sua especialidade, para os portugueses daquela época—o que o belga Walter conseguiu ser, como clown, para a gente da minha geração. A sua passagem pelas ruas era sublinhada pelo babaquear do povo. E êle, bonacheirão e impando orgulho, dilatava o torax, retorcia o bigode ruivo de escandinavo—e sorria feliz. O público nunca atinou com pronúncia exacta do seu nome—e chamava-lhe *Bojerso*—adaptação escapatória ao nosso idioma do apelido Bojerson.

Mas a verdadeira notabilidade de Bojerson não estava apenas nas suas proezas de palco. O seu maior talento era o da alta prestidigitación—fora de scena—*pour le bon motif*... Bojerson desarmou muita intriga, cortou muita lágrima, castigou muito fiel patife, escamoteando, iludindo, abrindo e fechando alcapões... na vida real.

Os episódios mais evitados de interesse e mais saborosos que marginaram o seu caminho por Portugal—estêrno sendo revividos, aos pontos. É a um confidente e comarheiro das centas do artista escadivavo que sobreviveu até a mim—o simpático e admirável «causcur» Xico C., do Porto—que eu devo êste filão novelesco. Já publiquei algures um dos capítulos mais engenhosos—e generosos—da vida de Bojerson: o do seu fusilamento, com balas de verdade, no Palácio de Cristal da Invicta cidade, onde, por uma unha negra a alma, cristalina e enorme, do bom dinamarquês não se evadiu pelas aberturas das feridas que recebeu estoica e voluntariamente—ao preço de uma obra caridosa e humana. Valeu-lhe, o seu sorridente heroísmo, a amizade de um príncipe português e uma condecoração de ouro—que se confundia, no seu peito, com as inúmeras medalhas falsas com que se exhibia nos cartazes e nos talcos.

A novela—chamemos-lhe *Novela*...—que hoje se projecta nestas páginas é um certificado legal da enghnosa imaginativa de Bojerson, autenticando a sua fama de homem de coração, nobre, generoso e valente...

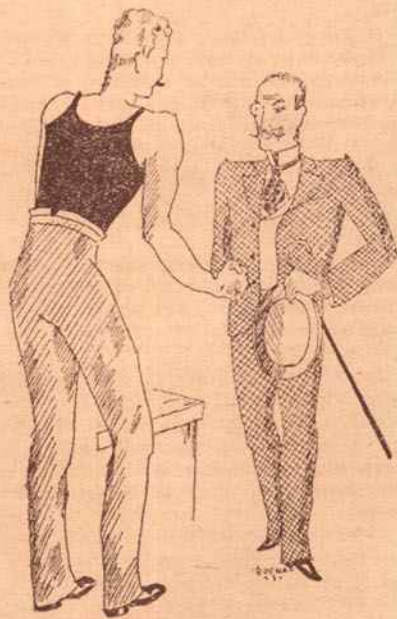
nariz pencudo e estreito—estava um sujeito de porte distinto, fato inglês, enxadrezado, polainas brancas, patilhas peludas, uma flor impando na lapela e a pápula escura envidraçada pelo monóculo rectangular—captive pelo largo fitilho castanho.

Era uma fraqueza esta de se relacionar com a gente de boa sociedade—ou pelo menos com gente que se vestisse em bons alfaiates. Tôdas as suas ambições, todos os seus esforços, de homem e de artista, objectivavam o mesmo alvo; eram veículos que êle utilizava para lá chegar. E se não fôsse virtude de nascença a sua virtude, a sua generosidade, o seu amor pelo bem, o seu ódio pelo mal, dir-se-hia que até isso era arma usada na mira de comprar por êsse preço as amizades conquistadas pelas suas exhibições de engenho, sacrificio e bondade.

Já nessa altura o Infante... se aproveitara das suas generosas habilidades de prestidigitador extra-palco—e a amizade pública que lhe dispensava Sua Alteza agravara-lhe mais ainda a vaidade de artista de *music-hall* e de plebeu...

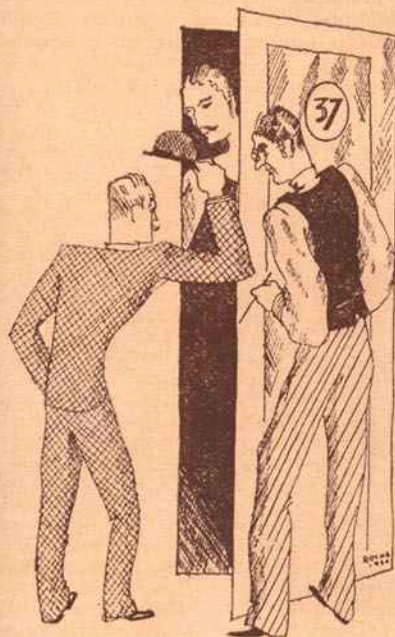
E aquele visitante era, sem dúvida, dos que agradavam à sua vaidade... Mas assim, aquela imprevisita aparição, vindo surpreendê-lo meio nú, com os pêlos ruivos a saírem-lhe, em tufo, pelo decote da camisola; as calças, sem suspensórios, a enroscarem-se em espiral sobre as chinelas—envergonhava-o, vexava-o...

—*Mile perredões... Mile perredões...*—murmurava êle, circunvagando a vista à procura dum sobretudo para se cobrir...



—Esteja à sua vontade...—pediu o cavalheiro do monóculo, avançando, familiarmente, pelo camarim.—Estou habituado à intimidade dos artistas...

Bojerson recuara para dar passagem ao visitante, lançando olhares de censura ao contra-regra que não tivera a prudência de o prevenir a tempo dêle preparar um vestuário digno de acolher aquele *gentleman*. E o contra-regra, depois de ter lançado, por detraz do visitante, duas ou três piscadelas de plá-



pebra, como que a convencer o ilusionista que o recém-chegado não era de cerimónias, deu um passo, colocou-se entre os dois, tirou o boné que lhe resguardava a calva e fêz, com toda a solenidade, a apresentação:

— O sr. Marquês de Mantelo... o sr. Bójer...

Não pôde pronunciar a última sílaba do nome do ilusionista — porque o Marquês lhe enrolou a boca com um gesto que não admitia réplica:

— Escusa de dizer-me quem é o grande artista com quem tenho o prazer de estar falando... E não é para o lisongear — que eu quando não sinto as coisas, calo-me... Creio que até hoje não perdi um único espectáculo em que o sr. Bojerson trabalhe. Divirto-me e emociono-me mais assistindo aos seus números do que ouvindo o melhor soprano de S. Carlos ou qualquer drama do D. Maria. Só lamento que o sr. Bojerson passe sempre tão rapidamente por Lisboa — preferindo o público portuense ao nosso... »

Bojerson, retorcendo a bigodeira, esquecera-se por completo da impropriedade da sua *toilette* — já entontecido com aquela adulação. E o sr. Marquês de Mantelo, prosseguiu:

— Ainda outro dia, falando com o tenente-coronel Silvino da Câmara — que como sabe é da intimidade do seu amigo e admirador — o Infante D. A... (Bojerson respira fundo e o vermelhão parece incendiar-lhe as bochechas)... confessou a mim e a outras pessoas presentes no jantar da Legação de Itália que era uma pena que o sr. Bojerson não repetisse, para nós, aquele sensacional número a que os tripeiros tiveram a sorte de assistir... ?

— O do «Fuzilamento com balas a valer»!!

Reconstituiu-se, rápido, no espírito do ilusionista, aquele acto de sacrificada abnegação pelo Infante que ele, anos antes, realizara no Pôrto e do qual saíra gravemente ferido. E evocando-o, a sua respiração normalizou-se e as faces perderam um pouco do seu colorido vivo e berrante...

— É muito difícil... muito perigoso... — desculpou-se Bojerson.

— De acôrdo; e nós, seus admiradores, não levamos o nosso egoísmo até ao exagêro criminoso de lhe exigir que arrisque a sua vida para nos regalar com uns minutos de emoção.

Passou-se um curto silêncio... Era evidente que o visitante não atingira ainda a oportunidade para revelar a verdadeira intenção que o levava até ao camarim do artista. E como essa oportunidade não se ofereceu — ele dispensou-a, entrando claramente no assunto.

— Vinha aqui pedir-lhe um grande favor — e espero que, embora nos conheçamos apenas de agora, não se negará a atender-me...

— Oh! *Sinhorre Marrequês...*

O *sinhorre marrequês* agradeceu em silêncio com um expressivo fechar e abrir de olhos — e explicou-se:

— Dentro de poucos dias reúno uns amigos no meu palacete das Amoreiras... Uma data de família que festejo — os anos de uma velha parente que veio acolher-se a minha casa... Coitada!!! Não sei quanto tempo poderá durar ainda... Quero que os últimos raios de sol daquela alma em crepúsculo gosem a ilusão da alegria... Um jantar... Um pouco de música... Um pouco de dança... Mas é pouco para a pobre senhora. A dieta — quem

sabe? — pode tornar em suplicio para ela o bom apetite dos outros... O baile, embora a anime — não basta porque lhe provocará saudades da sua juventude... Além disso os meus amigos quando recebem um convite do Marquês de Mantelo veem a minha casa com a antecipada certeza de que lhes preparei uma surpresa como não é vulgar encontrar-se na monotonia dos nossos salões... (O Marquês pronunciou a última frase movendo-se como que pedindo desculpa de não poder ser modesto ante a evidência da sua superioridade. E continuou:) Confesso que não fatiguei muito a inventiva, desta vez para a descobrir... Estando o sr. Bojerson em Lisboa — que maior e melhor divertimento poderia eu oferecer aos meus hóspedes do que alguns números do rei dos ilusionistas, o gênio da prestigitação?

O Marquês de Mantelo era, evidentemente, um psicólogo... Acertava, com firme pontaria, no alvo das fraquezas do artista...

— *Sinhorre Marrequês...* Eu *querria ser-lhe agradável...* Mas o meu *contreracto* não permite *trabalharre jórra do teatro...*

— Bei sei, sr. Bojerson... O seu *contracto* termina de segunda-feira a oito dias...

— *Exactissimamente...* Mas depois *regue-resso* ao *Palácio Cristale do Pôrto...*

— Também sei... A sua reparaçào é na quinta-feira... Tem, portanto dois dias *livres...* Ora a minha festa é na terça... Aceita?

— Com *multississimo gusto*, *sinhorre Marrequês...*

— Escusado será dizer-lhe, sr. Bojerson, que o seu trabalho lhe será recompensado pelo seu justo valôr...

— Oh! *Sinhorre Marrequês...*

O *sinhorre Marrequês* sorriu-se erguendo só um canto da boca; enfiou a sua mão estreita e afeminada pela mãozorra do ilusionista. O contra-regra queria acompanhá-lo... Que não! Que ficasse... Ele sabia às cegas todos os escaninhos do palco... E partiu.

A porta fechou-se e o contra-regra, às paladinhas no ventre do Bojerson, fazia boca a um charuto, perguntando-lhe, com velharia quem era amigo? Quem era?

Em vez de um «Havano» — recebeu três que Bojerson desencantou. E depois, ensam-

boando-se à pressa no minúsculo lavatório, o artista quis saber quem era aquêl nobre *gentleman*. O contra-regra deu uma dentada na ponta do charuto, cuspiu para o chão o tabaco que lhe ficara na bôca e gaguejou umas palavras mui vagas... Bojerson ouviu-o falar em «esbanjador» de fortunas; em «cabeça maluca»; em «famas de mil diabos»...

— Mas é casado o *sinhorre Marrequês*?

— Casado? Isso sim... Não é dèsses... Vive em casa com uma velhota — a tal que faz anos — que não se sabe ao certo quem é... Há quem afirme que foi amante do pai — que o pai era da força do filho... Está com êle também uma pequena — sobrinha ou coisa parecida da velha... Em suma... As más línguas trabalham — mas a gente não pode fiar-se... Não quer mais nada de mim, sr. Bojerson? Então muito boas noites — até amanhã...

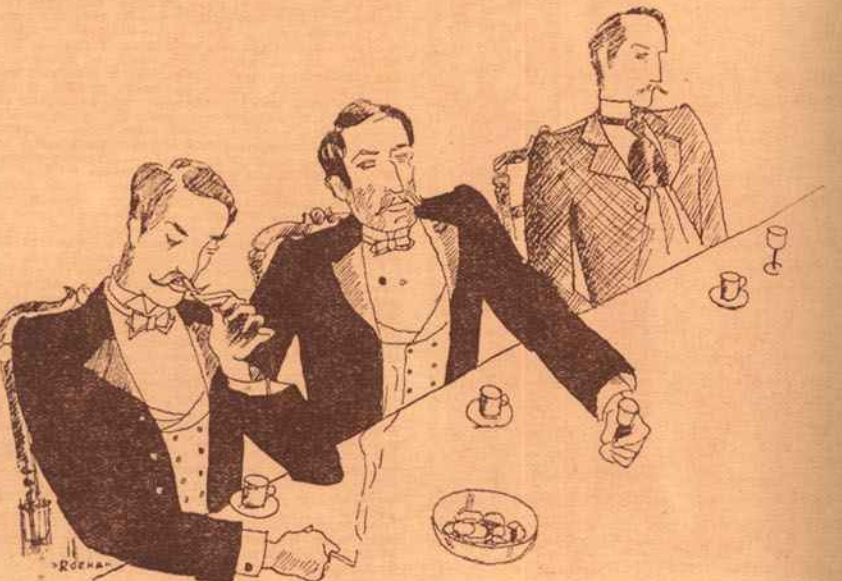
Uma vez sózinho o ilusionista vestiu-se rapidamente — cantarolando, uma antiga balada do seu país — em que se falava de tempestades e de corsários tenebrosos. E ao abrir a porta do camarim, viu, dilatar-se nas trevas do palco a braza do cigarro dum possível fumador. Julgou que fôsse o fiel do teatro — e saiu-o com umas «Boas noites, *sinhorre Joaquina!*... A braza zig-zagueando nas trevas, aproximou-se dêle — até que o fumador se iluminou no leque da luz aberto à porta do camarim... Não era o *sinhorre Joaquina* — mas sim o *sinhorre Marrequês* de Mantelo.

— Desculpe-me, sr. Bojerson. Já estava na rua quando notei que não lhe recomendava um pequeno detalhe referente ao seu programma... De todo o seu reportório — e nele só possui números de verdadeira novidade e de autêntica sensação — existe um que me impressiona profundamente e que não me canso de vêr... Sabe qual é?

Bojerson evocou vários — mas não acertou com a predilecção do seu admirador. E êste não quis que êle desse mais voltas à cabeça:

— É o do «Esquife do Thibet»...

O *dinamarquês* depois de acenar com a cabeça numa muda aprovação pelo apreço em que o marquês tinha por aquêl seu original trabalho — reflectiu um pouco... O «Esquife



do Thibet» era, de facto, um número original e emocionante — mas poucas vezes o incluía nos seus programas... Fôra já proibido pelas autoridades de várias terras... Era macabro até ao extremo de impressionar o artista e dêste o evitar, como se fosse mau agouro.

E era complexa a sua «mise-en-scène». Colocava-se um ataúde sobre uma mesa... Um dos ajudantes degolava o mestre com uma navalha de cartão; Bojerson morria e os moços colocavam o seu cadáver dentro do caixão. Velavam-se as luzes dos lustres e o esquife transportava-se, como se fôsse de cristal, e através daquela diafanidade assistia-se a uma veloz decomposição do corpo... O rôsto tingia-se de amarelo, depois esverdeava-se e tomava, por fim, uma tonalidade arroxada... Invisíveis garras esfarrapavam a casaca até surgir o cadáver numa nudez quási completa; e o corpo se descarnava rapidamente até ficar, limpo de músculos, vazio de vísceras e horrendo. O esqueleto, por fim, ganhava mobilidade; animava-se; erguia-se; abria a tampa do esquife, pulava para o chão até que os ajudantes do ilusionista o cobriam com um pano negro, bordado com caveiras e tibias cruzadas; e instantes depois desvelavam-no e Bojerson reaparecia, substituindo o esqueleto — e de novo encasacado, medalhado, sorridente...

— É muito *difícile*, *sinhorre Marquês* este *numero*... Bonito, *molto* bonito é, não há dúvida — mas *difícile*... Preciso de *alcapões* para o *executarre*...

— Se é só isso, não hesite, Bojerson... Venha você nas vésperas, a minha casa, leve operários, esburaque o soalho, faça o que entender...

Bojerson vacilou, argumentando que aquêle trabalho era demasiado impressionante... Num teatro estava bem, mas numa festa de sociedade, parecia-lhe que... Mas o Marquês não o deixou insistir... Queria a sorte do «Esquife do Thibet» para quarta-feira, custasse o que custasse... Bojerson cedeu... Cedeu, mas sentiu nos seus nervos, uma brusca trepidação, sineta de alarme do seu instinto, pressentimento iniludível que se avisinhava de um novo episódio da sua carreira de prestigeador da vida...

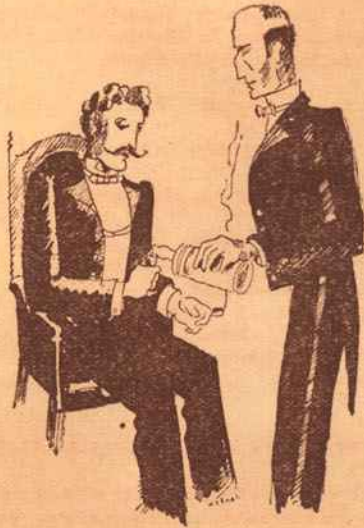
CAPÍTULO II

ONDE BOJERSON, A MADRINHA DO MARQUÊS, D. LEONOR E A FILHA, A TRISTE CELESTE...

...Bojerson não se considerava nunca nestas circunstâncias um artista contractado que lamentasse a sua presença nos salões de sociedade, às horas marcadas para exhibir as suas habilidades. Julgava-se, pelo contrário, um convidado de cerimónia que disputado por êsses salões, honrando-os com a colaboração que dignava prestar às festas — e como tal entrava, permanecia, conversava... Indicava o Marquês de Mantelo a meia noite para início do espectáculo... Mas às nove horas em ponto o bom do dinamarquês galgava a escadaria do velho palácio das Amoreiras, arrastando solenemente a mão enluvada de branco pelo corrimão forrado de azulejos de D. João V e fazia-se anunciar por um laçao — que, no primeiro instante por guarda roupa de laçao tomara a sua gasta casaca de scena.

O Marquês disfarçou rapidamente a estranheza que lhe provocara a hora e a forma como o artista entrava em sua casa. E affectando regosijar-se, apresentou-o aos convivas que, agrupados na sala, digeriam, de pé, o banquete recém-terminado... Pouca gente — umas vinte pessoas, se tanto, entre as quais apenas duas senhoras — e estas distanciadas, acantoadas no extremo oposto ao que era ocupado pelos hóspedes.

Mas o que impressionou imediatamente o espirito observador do dinamarquês não foi o reduzido do número, mas sim a qualidade dos amigos do Marquês... É que Bojerson, plebeu como era — tinha exigências no convívio da sociedade que ambicionava sempre invadir e por onde esvoaçara já algumas vezes, como agora, a sua enferma vaidade,



custando-lhe admitir transigências dos autênticos *gentlemen* na selecção das suas relações.

Ora os convivas do Marquês não aparentavam uma casta nivelável com o título do dono da casa. Havia duas barbas ainda da véspera ou de dois dias; havia um toureiro profissional de palito na bôca e muito mal embañado na sua casaca; havia até — e foi isto o que mais custou a Bojerson — um indivíduo sem casaca, trajando um vulgar jaquetão...

E apresentados os hóspedes masculinos o Marquês ofereceu uma cadeira ao ilusionista.

— Sente-se, Bojerson... Sente-se...

Bojerson ia a obedecer-lhe quando notou pela segunda vez, silenciosas, distanciadas, acantoadas, tristonhas, as únicas damas que se encontravam no salão... Uma era uma velha, escanzelada, duma palidês amarelenta, uma múmia que tivessem enroupado com uma *toilette* escura recamada de lantejoilas negras... Os seus olhos esgaseados, assustados, remechidos nas órbitas numa inquietação ininterrupta, marcavam um contraste aflitivo com a imobilidade quási de parálitica, do seu corpo. A outra senhora era mui jóvem ainda — vinte anos se tanto. E formosa como uma princesa triste e enfeitada de conto infantil. Estava de pé, junto da cadeira da anciã. E se a expressão, desta era de pa-

vor — da mocinha era de indiferença e de melancolia.

O ilusionista que esboçara apenas o gesto de se sentar, endireitou-se de novo e apontando para as duas senhoras e abrindo mais ainda o seu sorriso permanente e bonacheirão, insinuou:

— Creio que o *sinhorre Marquês* não me deu a honrra de *apresentarre* à sua *distinguida família*...

Enguliu em seco, o Marquês, mas era difícil, sem grosseria, não satisfazer aquêle pedido feito com tão pouca cerimónia. E para elas se dirigiu, seguido pelo imponente dinamarquês.

— O sr. Bojerson, o admirável artista cujo trabalho cremos aplaudir esta noite — a minha... a minha madrinha, D. Leonor e sua filha Celeste.

D. Leonor crispou o rôsto escaveirado numas carêtas que tanto podiam ser uma expressão de alegria, como um esgar de médo; olhou para o afilhado, como que a perguntar-lhe o que devia fazer... Mas o afilhado iluminara o rôsto de ternura e alegria; e ela então sorriu-se, estendeu a mão ossuda ao artista e engasgando-se duas vezes declarou, numa vósita sumida e trémula, que «tinha muito prazer em o conhecer»... E Bojerson sentiu-se apiedado por aquela velha, sem saber porquê...

Foi diferente a atitude de Celeste, ao escutar a apresentação que lhe fazia o afilhado de sua mãe. Fixava os seus grandes olhos claros nos do dinamarquês, inexpressivamente, inconscientemente, tão blindada estava dentro do seu extase. Repetiu o Marquês, duas vezes a lenga-lenga dos nomes e adjectivos, engrossando a voz e sublinhando as frases com uma vaga impaciência — e só assim ela despertou sacudindo nervosa, a cabeça, piscando as pálpebras e forçando um sorriso. E Bojerson sentiu-se atraído por uma quente simpatia por aquela pequena, tão moça ainda e já tão triste e tão alheada da vida...

CAPÍTULO III

A VOZ DOS ESPELHOS

Um dos talentos mais notáveis e pessoais de Bojerson, era o do aproveitamento dos espelhos. Nenhum ilusionista conseguira uma tão vasta multiplicação de aproveitamento de espelhos nas suas sortes, como Bojerson. O espelho era para êle a matéria prima da sua arte. Jogava-os, combinava-os, arrancava-lhes efeitos inverosímeis... Eram os espelhos que o defendiam e que ocultavam o segredo da maioria dos seus triunfos...

O hábito profissional obrigava-o, conscientemente, a entender-se com os espelhos, mesmo fóra do trabalho. Num salão, num barbeiro, num *restaurant*, em qualquer lugar onde houvesse espelhos, Bojerson buscava, instintivamente, um sítio onde podesse jogar com os segredos que os espelhos só a êle confiavam. E assim, meia hora depois de se encontrar no palacete das Amoreiras, dominava, de qualquer salão, o que se passava nos três salões. Era uma espécie de auto-ilusionismo óptico...

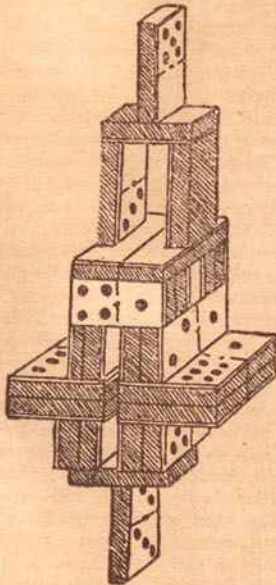
(Continúa)



Passatempo

EQUILIBRIO DE DOMINÓS

(Passatempo)



Um jogo de dominó pode servir para curiosos passatempos. O mais vulgar e o primeiro que lembra é formar com as pedras do jogo, na sua totalidade, um castelo, mas o caso não é nada fácil.

Apresentamos-lhes aqui o modelo de uma construção na qual se sustêm, sobre uma pedra só, as vinte e sete restantes do jogo. Para a efectuar colocam-se três pedras de pé, e sobre elas uma, em sentido horizontal, com o lado do marfim para cima. Em cada extremo desta, põem-se outras duas unidas entre si pelo lado posterior. E assim se continua, pelo modo de que a figura dá ideia exactíssima. Quando o castelo já adquiriu a solidez suficiente, isto é, quando já estão colocadas todas as pedras, retiram-se com muito cuidado as duas laterais da base e põem-se como remate do edificio. Então fica só a do meio, a qual sustem todas as outras, que era o fim que se tinha em vista.

É preciso retirar as duas pedras citadas com o máximo cuidado, pois esse é que é o momento culminante da construção. A mínima perturbação do equilibrio, derruba todo o edificio, com desapontamento do construtor e dos seus espectadores.

Mas quando o castelo chega a manter-se, embora por breves momentos, é grande a satisfação causada por esse triunfo. Experimentem.

■ ■

MARIDO ECONÓMICO (para a mulher): — O quê! Vais tomar um papel inteiro de anti-pirina? É mesmo estragar! Se tens dor de cabeça só dum lado... toma metade!

PROBLEMA DE XADREZ

Por meio de movimentos alternados de um cavalo e de uma torre, é possível não sómente fazer o percurso total do taboleiro, como ainda obter um diagrama tão simétrico que os números dos movimentos, quando adicionados por colunas, linhas ou diagonais, dêem a mesma soma.

Por outras palavras obtém-se simultaneamente o percurso do taboleiro todo e a formação de um quadrado mágico.

■ ■

O NOTARIO DISTRAÍDO

O notário: — Como se chamava seu falecido marido?

A cliente: — Scabra.

O notário: — E o divorciado?

A cliente: — Ramos.

O notário: — E o presente?

A cliente: — Mota.

O notário (abstracto): — E o futuro?

■ ■

O BASTANTE PARA PERDER A CALMA

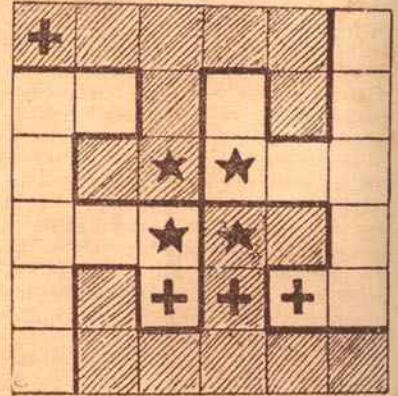
O médico: — Sossêgo, muito sossêgo; nada de comoções fortes nem desagradáveis; esse coração precisa de sossêgo absoluto... Volta-rei depois de amanhã.

O doente: — Amanhã não vem?

O médico: — Amanhã não posso que tenho de assistir ao enterro de três dos meus clientes... (O doente morre de repente).

ESTRELAS E CRUZES

(Solução)



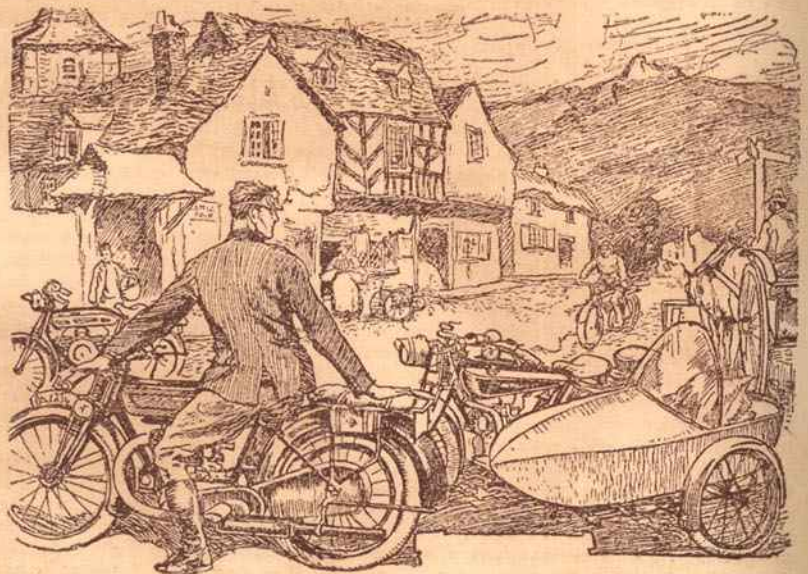
A gravura mostra como o quadrado se pode cortar em quatro partes, todas do mesmo tamanho e feição, de modo que cada parte contenha uma estrela e uma cruz.

■ ■

NA CATECHESE

A PROFESSORA: — Qual foi a primeira coisa que o profeta Daniel fez quando safu a são e salvo da jaula dos leões?

TININHA (com a maior simplicidade): — Provavelmente foi telefonar à família para ela não estar em cuidado.



Faltam seis motociclistas. Onde estão eles?

A ultima novidade literaria do nosso meio é:

ERICH·MARIA·REMARQUE



**NADA DE NOVO
NA FRENTE
OCIDENTAL**

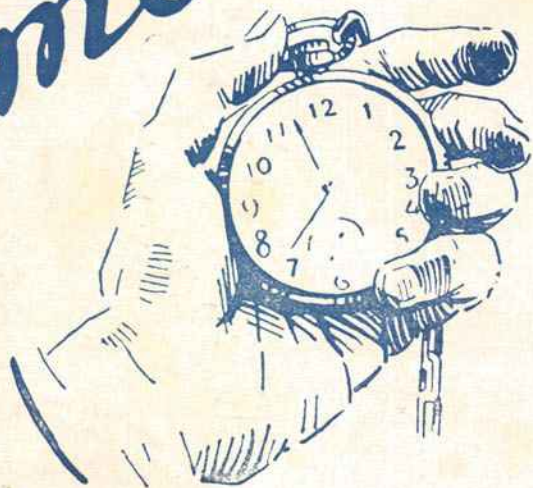
LIVRARÍAS AÍLLAUD & BERTRAND

A obra que tem alcançado maiores tiragens
em todas as linguas do Universo

Um volume brochado, 10\$00

Pedidos ás livrarias AÍLLAUD E BERTRAND

Como
Cronômetros



funcionam os motores
empregando

**Auto-
Gazo**

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil 673
